

CIDADE VIVA E SOLIDÁRIA

Revista
Municipal
Trimestral

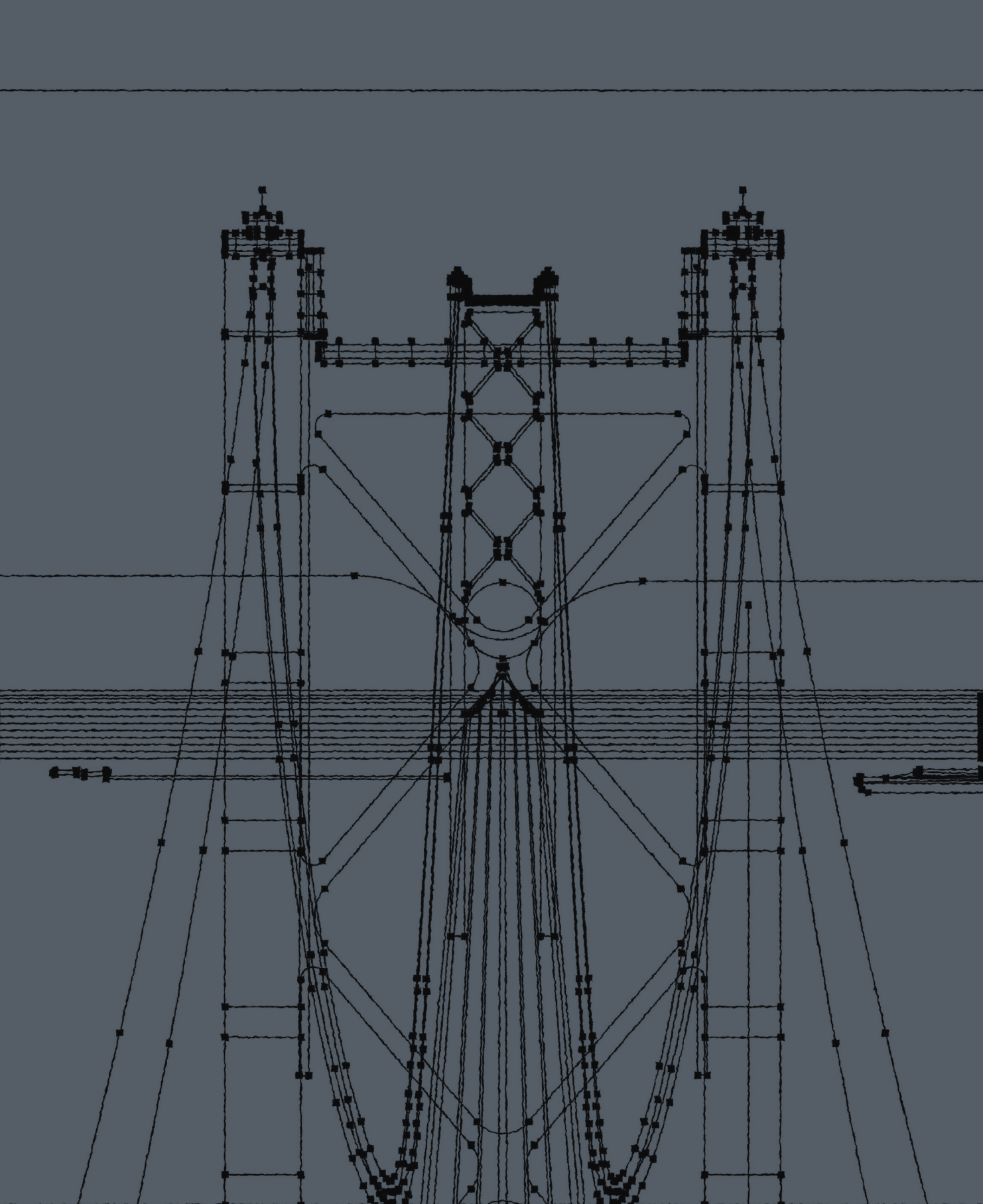
Número 30

Junho 2020

GRATUITA

Lisboa





Lisboa

Quando atravesso — vinda do sul — o rio
E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse
Abre-se e ergue-se em sua extensão noturna
Em seu longo luzir de azul e rio
Em seu corpo amontoadado de colinas —
Vejo-a melhor porque a digo
Tudo se mostra melhor porque digo
Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência
Porque digo
Lisboa com seu nome de ser e de não-ser
Com seus meandros de espanto insónia e lata
E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro
Seu conivente sorrir de intriga e máscara
Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata
Lisboa oscilando como uma grande barca
Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência
Digo o nome da cidade
— Digo para ver

por
Sophia

Sumário

Revista Municipal Trimestral • Número 30 • Junho 2020



Belém, 18 de abril de 2020, 15h30.

CIDADE VIVA E SOLIDÁRIA

“Atrás dos tempos vêm tempos e outros tempos hão de vir” e terão de ser melhores. Neste período da história, já conhecido como o *Grande Confinamento*, os Lisboetas deram o melhor de si. Quer ficando em casa, resguardados, quer trabalhando em prol da comunidade, quer ainda reinventando-se e mobilizando as suas aptidões para se adaptarem às novas circunstâncias. De tudo isso damos conta nesta edição da Revista Lisboa. Mostramos também os recursos que a autarquia, as juntas de freguesia, as associações e tantos outros parceiros sociais puseram ao serviço dos mais desprotegidos.

POEMA

“Lisboa”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, 1977 1

CARTA AOS LISBOETAS

Mensagem de Fernando Medina 4

CIDADE SOLIDÁRIA

Um batalha em várias frentes 6
Imagens da Cidade deserta 24
Abrigar e cuidar de quem não tem teto 30
Ninguém pode passar fome 35
Uma Cidade que não pode parar 39
Juntas em ação 44

CIDADE VIVA

Gente que se adapta 48
Entrevista
Filipe Froes 54
Foto-legenda
Liberdade na Avenida 57
Cidade com memória
Lisboa na outra pandemia 58
Ensaio fotográfico
Centenárias & Protegidas 62
Lisboa Verde 69
Ficha técnica 69
Marcas d'Água
André Carrilho 70

O mundo mudou nestes últimos meses. Fechados em casa, com metade da atividade económica encerrada, reencontrámo-nos como comunidade e como cidadãos no combate a um inimigo invisível, mas mortal. Foram meses diferentes, em que as ruas resplandescentes da nossa cidade ficaram desertas e em que a nossa resistência individual e coletiva foi testada como raras vezes acontece na história. Esta edição documenta essas circunstâncias. As fotografias testemunham o escrupuloso cumprimento das regras de segurança.

Os lisboetas estiveram à altura do desafio, mostrando-o diariamente em vários momentos e atividades que retratamos nas páginas desta revista. Ficaram em casa

os que podiam ficar em casa.

E saíram os que, cumprindo serviços essenciais, tiveram de continuar as suas rotinas, agora muito mais exigentes. A todos eles quero deixar um agradecimento muito especial, em nome de uma cidade que se quer viva e solidária.

Foi também um momento desafiante para os serviços da autarquia. A Câmara Municipal não fechou as portas às necessidades dos cidadãos. Pelo contrário, mesmo com uma parte significativa da sua força de trabalho em casa, os serviços municipais foram obrigados a esforços redobrados, da desinfeção dos principais pontos de contacto que existem numa cidade como Lisboa, ao apoio social e domiciliário de milhares de pessoas com menos autonomia, como os mais idosos e doentes crónicos. Uma

sobrecarga que decorreu de novas, e até então desconhecidas, formas de trabalho. Em tempo recorde montaram-se estruturas de apoio e cuidado sanitário a pessoas em situação de sem abrigo, assim como uma rede de alimentação para os mais desfavorecidos comprada aos produtores que deixaram de ter forma de escoar os seus bens. Montaram-se mais de 20 cantinas nas escolas encerradas, servindo cerca de 15 mil refeições quentes todos os dias. Tudo com o inestimável apoio de centenas de voluntários que colaboraram com as Juntas de Freguesia nesta rede que cobriu a cidade. Foram eles os heróis de Lisboa.

Aos primeiros sinais de que estávamos perante uma crise de saúde pública inédita nos anos que vivemos, com consequências graves e profundas no tecido

Carta aos Lisboaetas

LISBOA, UMA CIDADE SEGURA E RESILIENTE

social, económico e cultural da cidade, pusemos em ação um conjunto de iniciativas que continuam em atualização permanente – segurança, proteção civil, mobilidade, direitos sociais, habitação, cultura ou higiene urbana. As ajudas postas à disposição dos lisboetas contaram com o apoio de poderosos aliados: juntas de freguesia, Santa Casa da Misericórdia, associações sociais e locais, todos foram chamados a fazer a sua parte. Agindo em parceria somos mais fortes. A todas estas instituições expresso também o meu reconhecimento.

Depois do grande alarme, os lisboetas começam agora a reaprender novas rotinas e a viver numa “nova normalidade”. Da mesma forma que as nossas rotinas mudaram, também as cidades vão ter de mudar. A relação entre elevados níveis de poluição e a mortalidade com COVID foi estabelecida pela Universidade de Harvard. Não podemos fechar-nos (e bem) em casa para proteger vidas, para depois as perdemos para a poluição. Temos de inverter décadas de mau planeamento urbano onde os polos habitacionais ficaram cada vez mais longe do trabalho e onde as pessoas foram entregues ao seu carro.

Os transportes públicos vão continuar limitados na sua lotação. Se apenas uma pequena parte das dezenas de milhar de viagens que se vão perder migrarem para o transporte individual Lisboa ficará parada. É por isso que todas as cidades, de Milão a Londres, de Paris a Nova Iorque, estão a repensar modelos de organização do trabalho (como horários desfasados e o teletrabalho) mas também da mobilidade. Os planos para a rápida transformação do espaço público e a aposta em modos ativos de mobilidade podem ser vistos nas páginas desta revista.

Esta crise desvelou o que já sabíamos: as cidades não podem continuar a viver com base em grandes fluxos de mobilidade pesada, com os custos ambientais e sanitários que se conhecem; o espaço público tem de ser um local seguro, de usufruto coletivo, mas suficientemente amplo para evitar aglomerações; o transporte privado tem de dar lugar ao transporte coletivo sustentável, às bicicletas e aos peões; a cidade tem de viver a várias horas do dia, desencontradas, e o urbanismo assente na densificação populacional tem de ser questionado. Estamos a trabalhar nesse sentido, em “desenhar” uma cidade mais preparada para lidar com as novas ameaças, desde as crises sanitárias às alterações climáticas. Temos confiança de que desta crise resultaram boas ideias, boas práticas sociais e urbanísticas, e que poderemos voltar a sentir o conforto de viver em comunidade, numa cidade segura e resiliente. 🌱



Fernando Medina

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Lisboa

*Uma
Batalha
em Várias
Frentes*



Agora que os Lisboetas regressam à rua, a cidade adapta-se para dar mais espaço aos peões e aos ciclistas, preparando-se para acolher novos modos de vida. Na emergência da crise, a luta contra a propagação da doença e a mitigação dos efeitos do confinamento na economia, na cultura, nas famílias e entre os mais desprotegidos assumiu caráter de urgência. Para saber mais, acompanhe os desenvolvimentos das medidas adotadas em *Lisboa.pt*.

TEXTO LÚCIA VINHEIRAS ALVES, JOSÉ MANUEL MARQUES, SARA INÁCIO E SUSANA PINA

ILUSTRAÇÕES TERESA FERNANDES

Lisboa ajuda



*Voltar à
Rua,*

O progressivo desconfinamento da sociedade e o lento regresso a um “novo normal”, obriga a repensar o espaço público, criando condições para viver em segurança face aos riscos pandémicos, mas também face aos riscos ambientais. A poluição mata, em média, 6 mil pessoas por ano em Portugal. Tem também responsabilidades na taxa de letalidade do novo coronavírus. Os objetivos da Capital Verde Europeia continuam por isso na agenda da autarquia, com fundamentos reforçados.

Muitas pessoas que, entretanto, voltam à rua já estão a encontrar diferenças na organização do espaço. Recorrendo ao chamado “urbanismo tático”, o espaço público está a ser adaptado de forma rápida e prática, ensaiando-se soluções que poderão vir a ser definitivas ou melhoradas. O objetivo é acelerar os princípios da mobilidade sustentável e humanizar a cidade, dando mais área às pessoas para poderem estar e circular mantendo as distâncias de segurança.

A pé e de bicicleta

Em maio, a cidade dispunha de uma rede de ciclovias de 105 km. Até setembro serão 161 Km, e nos primeiros meses de 2021, atingir-se-ão os 200 km previstos no plano de mobilidade. Trata-se de uma rede ciclável estruturante, cobrindo eixos centrais de circulação que servem praticamente toda a cidade. Essa rede é autónoma do tráfego automóvel, reúne condições de segurança e liga os principais polos da cidade, de trabalho, estudo e residência. Articula-se ainda com as interfaces de transporte para facilitar a complementaridade entre meios de transporte. O objetivo é canalizar o mais possível para a mobilidade suave pelo menos todos os percursos inferiores a 5 Km, que representam 68% das deslocações na cidade.

Além das ciclovias, a autarquia vai investir no aumento das bicicletas partilhadas (com reforço das medidas de higienização) e tem em curso um programa de incentivo à aquisição de bicicletas, num montante que pode ascender aos 4 milhões de euros.

Os locais de estacionamento – gratuito – serão acautelados pela instalação de bicicletários em parques fechados e com controle de acesso, nomeadamente nas concessões de estacionamento da CML e em parques de estacionamento da EMEL. Também se instalarão bicicletários em áreas de escolas, equipamentos de saúde ou universidades, mediante acordo com os interessados.

Lisboa não é exceção na tentativa de modificar padrões de mobilidade, com benefícios para os próprios (tempo, saúde e custos) e para o espaço urbano, tornando-o mais fluido e ambientalmente mais sustentável.

Um pouco por todo o mundo, das pequenas cidades às grandes metrópoles, chegam notícias de investimentos significativos em mobilidade suave. Faz-se hoje um planeamento que tem a preocupação de encurtar distâncias. Pretende-se revalorizar o comércio local e a vida de bairro, assegurar uma maior proximidade entre o local onde se mora, as escolas, os locais de abastecimento e serviços – de forma a que a maior parte da vida quotidiana possa ser vivida a pé, num raio máximo de 3 Km.

Comparticipações da autarquia para aquisição de bicicletas

ATÉ 50% DO VALOR DE COMPRA

Até 100€ para bicicletas convencionais (estudantes)

Até 350€ para bicicletas elétricas

Até 500€ para bicicletas de carga

Bairros com mais espaço para os peões e cidades com mais espaço para as bicicletas.

Seja a nível da mobilidade, da vivência do espaço público, das formas de habitar, do desenho urbano, da logística e do abastecimento, a cidade pós pandémica terá de se basear em novas soluções.

Uma cidade a vários tempos

Desde logo, a organização do trabalho. As horas de ponta podem ser diferenciadas. Nem todos têm de começar e acabar de trabalhar à mesma hora. Além do mais, o teletrabalho, com as provas de eficácia que deu durante o confinamento, terá sido uma modalidade que veio para ficar. Dando o exemplo, dois terços dos mais de 8 mil trabalhadores da CML estão em regime teletrabalho. A autarquia tem ainda um programa de apoio às pequenas e médias empresas para facilitar a migração do trabalho convencional para modos de trabalho à distância.

Em termos estruturais, uma metrópole com comunidades mais autónomas, ao nível da vida quotidiana e do trabalho, será também fundamental para diminuir a pressão da mobilidade.

de d

Investimento em transporte coletivo

Quanto aos transportes coletivos, novos corredores BUS estão em implementação em Lisboa, desde já em seis vias urbanas de grande tráfego, num total de cerca de 9 Km, permitindo maior velocidade e regularidade de circulação. Mantém-se também o plano de renovação da frota, com mais 100 autocarros em concurso para aquisição, e reforça-se a oferta nas horas de maior afluência.

A segurança na utilização do transporte público é também uma prioridade. A obrigatoriedade de utilização de máscara, a par das ações regulares de desinfeção dos veículos e das paragens devolverão a confiança aos utentes, incentivando a sua utilização em detrimento do transporte particular.

Urbanismo táctico

O urbanismo táctico caracteriza-se pela adoção de medidas rápidas, de baixo custo, para resolver problemas de mobilidade e segurança: libertação dos passeios de excesso de mobiliário urbano; aumento da área das esplanadas para salvaguardar a distância entre mesas, se necessário através da supressão de lugares de estacionamento e/ou de uma via de trânsito; marcação de distâncias nos pavimentos; alargamento de passeios; mitigação das ilhas de calor criando espaços de sombra; conversão de ruas em espaços pedonais, ou em espaços amigos do peão que lhe dão a primazia. É o caso das áreas junto às escolas, universidades, centros de apoio à terceira idade e nas vias interiores dos bairros, em que se implementarão velocidades-limite muito restritivas (20 ou 30 Km/hora), aumentando a segurança de quem se desloca a pé ou de bicicleta.

Seguindo os princípios do urbanismo táctico, estão previstas mais de 100 intervenções na cidade, em articulação com as juntas de freguesia. Uma grande parte

...e forma?

Lugares de estacionamento para bicicletas

1050 em parques subterrâneos da EMEL e concessionados pela CML

1700 em bicicletários fechados nos principais interfaces de transporte público

5000 em bicicletários alocados a todas as entidades de interesse público que o solicitem, como escolas, clubes desportivos e outras instituições.



estará concluída durante o verão, altura em que aumenta a pressão sobre o espaço público.

Zona de Emissões Reduzidas

A Baixa-Chiado e áreas envolventes constituirão uma nova Zona de Emissões Reduzidas (ZER). Este projeto, apresentado antes da crise sanitária, será recalendrarizado, de forma a que a vida comercial e as atividades económicas da zona tenham tempo de se reorganizar e recompor para fazer face às mudanças logísticas previstas na nova ZER, como a alteração do formato de cargas e descargas e as restrições à circulação automóvel. No entanto, o caminho não é reversível. A autarquia vai avançar, desde já, com obras-chave, como a pedonalização da rua Garrett, rua Nova do Almada, largo do Chiado, rua de São Pedro de Alcântara, largo Camões, e ainda

a instalação de vias cicláveis na rua do Ouro, rua dos Fanqueiros, rua do Comércio, avenida da Liberdade, Restauradores e avenida Almirante Reis.

Lisboa está a adaptar-se, no imediato, às novas circunstâncias para os cidadãos viverem com segurança o espaço público numa altura em que o vírus ainda está ativo na comunidade. E na pós-pandemia podemos encontrar uma cidade com maior qualidade de vida e mais bem preparada para fazer frente às ameaças emergentes, entre as quais as alterações climáticas – um dos maiores desafios. 🌱

Rede de Ciclovias

+26 km até julho

Alameda dos Oceanos

Avenida de Berlim

CONSTRUÍDO

Avenida de Pádua

Avenida Cidade Luanda

Avenida Cidade Bissau

CONSTRUÍDO

Avenida Almirante Reis

Avenida da Índia

Avenida 24 de Julho

Avenida da Liberdade

Avenida do Uruguai

Rua Castilho

CONSTRUÍDO

Avenida Marquês da Fronteira

CONSTRUÍDO

+30 km até setembro

Avenida de Roma

Avenida Marechal Gomes da Costa

Avenida de Ceuta

Avenida Lusíada

Avenida de Berna

Avenida Conde de Almostr

Avenida José Malhoa

Avenida das Descobertas

+20,5 km em 2021

Avenida Gago Coutinho

Avenida Restelo

Avenida Torre de Belém

Avenida Álvaro Pais

Avenida Carlos Paredes

Avenida Helena Vieira da Silva





INFOGRAFIA: JOÃO FERREIRA

Novos centros de rastreio

Duas unidades de diagnóstico da Covid-19 em Lisboa reforçaram a capacidade de testagem. Uma iniciativa da Câmara Municipal em colaboração com a Administração Regional de Saúde. Os testes são gratuitos, mas apenas com prescrição médica das unidades do Serviço Nacional de Saúde, ou referenciados pela Linha SNS 24. Um centro de rastreio está instalado na Escola Básica da Quinta dos Frades, no Lumiar, com capacidade para realizar entre 300 a 400 testes; outro, no Parque das Nações, junto à Rua Vitorino Magalhães Godinho, funciona como unidade móvel em regime de *drive thru* e tem capacidade para 150 análises diárias, podendo esse número aumentar mediante as necessidades.



Prevenção do Contágio e Combate à Doença

Instalação de hospital de campanha

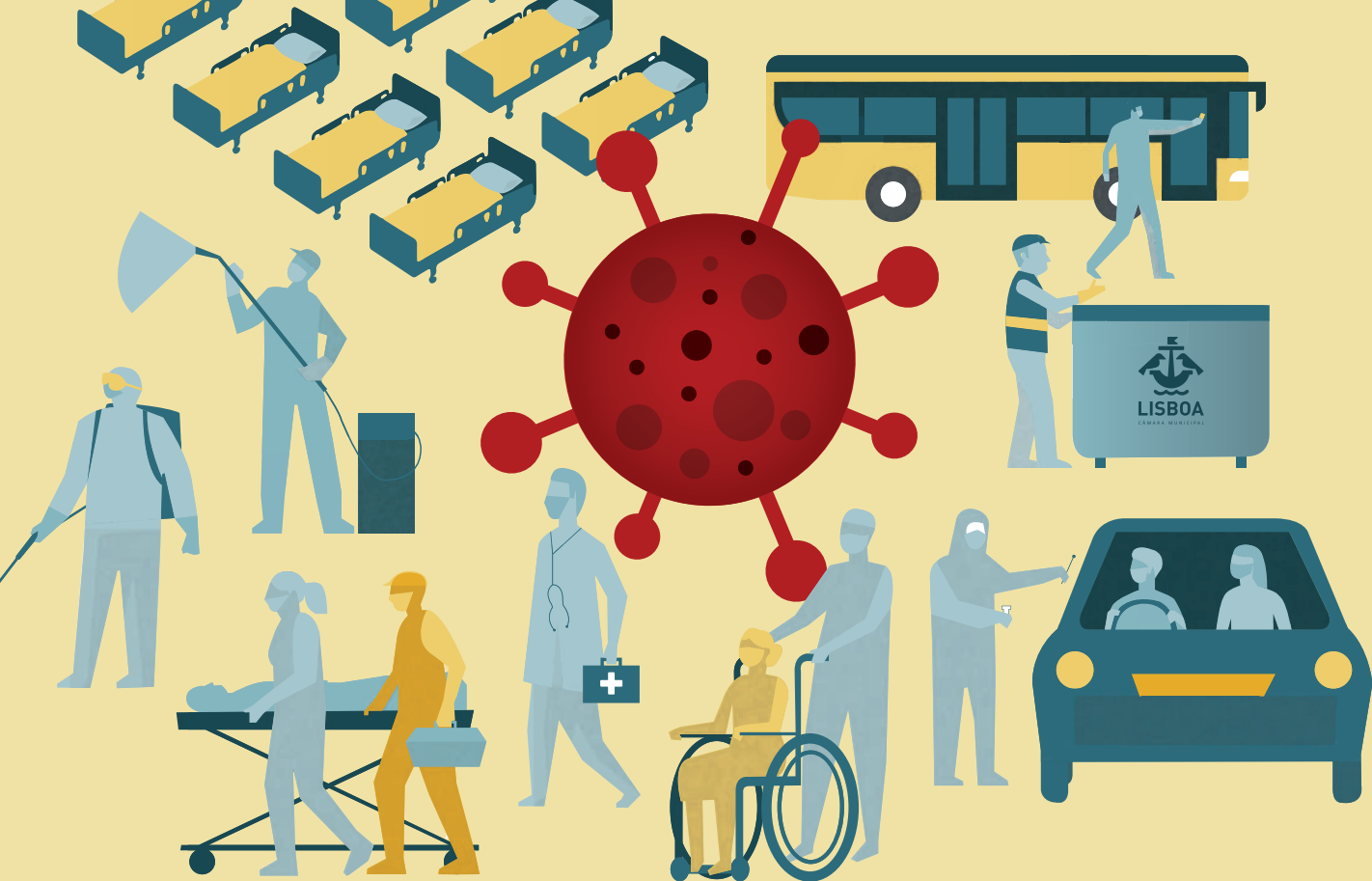
O hospital de campanha de Lisboa tem capacidade para 500 camas. Foi instalado no Estádio Universitário, como hospital de retaguarda para os doentes menos graves, mas que ainda necessitem de cuidados hospitalares. O empreendimento envolve um investimento da Câmara de Lisboa de cerca de 300 mil euros/mês. Foi desenvolvido em parceria com a Universidade de Lisboa, que cedeu o espaço, e as Forças Armadas Portuguesas, que disponibilizam camas e refeições. Conta ainda com meios humanos e hospitalares do Hospital de Santa Maria e o apoio de diversas entidades como a Cruz Vermelha Portuguesa.

Desinfecção do espaço público

Foi intensificada a lavagem mecânica de ruas em toda a cidade e introduzida a desinfecção do espaço público. Diariamente, são lavados com hipoclorito de sódio os principais pontos de contacto como papelarias, vidrões e ecoilhas. Também são desinfetados os locais com maior concentração de pessoas como paragens de autocarro, terminais rodoviários, entradas de hospitais, de centros de saúde e de clínicas.

Segurança nos transportes e na mobilidade

Carris e Metropolitano de Lisboa reforçaram a higienização dos espaços, limitaram o número de passageiros e distribuíram aos seus funcionários equipamentos de proteção individual. Os utentes estão obrigados ao uso de máscaras e há máquinas de venda de materiais de proteção nas estações.



As bicicletas da rede GIRA, geridas pela EMEL, também têm higienização reforçada. Estão agora disponíveis para entregas ao domicílio e são gratuitas para os profissionais de saúde, forças de segurança e agentes da proteção civil. Durante o Estado de Emergência, tanto a Carris como o Metro de Lisboa deixaram de controlar a entrada de passageiros através da validação de títulos. Esta decisão pretendia evitar o contacto dos utentes com máquinas de venda e pórticos de entrada, e proteger os trabalhadores da fiscalização. Também não houve pagamento de estacionamento na via pública e os residentes puderam estacionar gratuitamente nos parques da EMEL.

Segurança na recolha e tratamento do lixo

Para garantir a proteção da saúde pública e dos trabalhadores envolvidos na recolha e tratamento dos resíduos – possibilitando a rotatividade dos funcionários e o necessário distanciamento –, os serviços de higiene urbana mantiveram a recolha regular de lixo na cidade, mas suspenderam a recolha seletiva porta a porta, bem como a recolha de vidro em estabelecimentos comerciais. Todos estes serviços têm sido repostos desde o fim do Estado de Emergência.

Recurso ao teletrabalho

Todos os funcionários da autarquia cujo trabalho assenta sobretudo em meios digitais passaram a regime de teletrabalho para evitar a concentração de pessoas num mesmo local. Nos casos onde não foi possível, recorreu-se ao serviço por turnos. 🕒

Reforço do Fundo de Emergência Social

O Fundo de Emergência Social, anteriormente com uma dotação de um milhão de euros, passou a contar com 25 milhões de euros para dar resposta a famílias e instituições gravemente afetadas pela crise. Dez por cento é gerido diretamente pelas juntas de freguesias, mediante a identificação de necessidades concretas dos agregados em situação de vulnerabilidade. Além desta verba, o fundo integra linhas de apoio a instituições particulares de solidariedade social e uma vertente de apoio a agentes e instituições culturais. Cobre também a aquisição de bens, serviços e equipamentos necessários ao combate à pandemia.

Logo no início da crise, a autarquia transferiu cerca de 600 mil euros para projetos de associações que trabalham em Lisboa nas áreas da solidariedade social. Parte desta verba serviu também para aquisição de equipamentos de proteção das equipas que apoiam a população em situação de risco. 🍷

Criação de Rede Voluntária

Cerca de 1300 pessoas voluntariaram-se logo no início da pandemia para apoiar as atividades de solidariedade social do município e das juntas de freguesia, nomeadamente na distribuição de refeições a pessoas idosas ou com deficiência, transporte de compras, assim como auxílio em todas as pequenas tarefas de gestão do quotidiano.

Os voluntários são triados à medida das inscrições, para afastar pessoas que possam pertencer a grupos de risco, distribuindo-se pelo tipo de tarefas preferenciais e por freguesias da cidade. Estes voluntários, que são agora mais de 1700, foram e estão a ser contactados consoante as necessidades, garantindo a rotatividade das equipas e a sua segurança.

A inscrição é feita em www.redesolidaria.pt. 🍷

Apoio às Empresas e Startups

MANUTENÇÃO DOS INVESTIMENTOS AUTÁRQUICOS

A manutenção do investimento municipal para este ano, estimado em 620 milhões de euros, além de reforçar a qualidade do serviço público, representa, pelas contratualizações decorrentes, um apoio ao emprego e ao setor produtivo.

Destacam-se, neste ano, as infraestruturas e saneamento (170 milhões de euros), a habitação (160 milhões de euros), e as escolas, creches, centros de saúde e unidades de cuidados continuados (140 milhões de euros).





ISENÇÃO DE RENDAS E TAXAS EM ESPAÇOS MUNICIPAIS



Estabelecimentos comerciais em espaços municipais que se encontravam encerrados ficaram isentos do pagamento de rendas até final de junho, assim como quiosques e lojas instalados em bairros municipais que permaneceram abertos. Esta medida estende-se aos estabelecimentos a operar na área do porto de Lisboa.

Também está suspensa, neste período, a cobrança de taxas relativas à ocupação de espaço público e publicidade. Esta medida abrange todos os estabelecimentos comerciais, com exceção de bancos e instituições de crédito e seguradoras, e inclui as taxas cobradas pelas juntas de freguesia.

PROCESSOS DE LICENCIAMENTO EM URBANISMO DIGITAL



Os processos de licenciamento na área do urbanismo da CML mantiveram-se sempre em funcionamento, assegurados por mais de 400 funcionários em regime de teletrabalho.

Com esta reorganização dos métodos de trabalho foi possível continuar a garantir a gestão urbanística e a planear o futuro de Lisboa, apoiando a fileira económica de arquitetos, projetistas, promotores e construtores, num setor importante para a recuperação do emprego e economia da cidade. Simultaneamente a CML avançou com a implementação do Urbanismo Digital (de forma faseada), já sendo possível que cidadãos, empresas e serviços municipais trabalhem de forma colaborativa através de uma plataforma digital única.

Em quaisquer circunstâncias, independentemente da aposta na transição digital, mantêm-se as deslocações técnicas de fiscalização ao terreno sempre que necessário. Para mais informações consultar lisboa.pt/cidade/urbanismo.

CRIAÇÃO DE MARKETPLACE B2B



Um *marketplace* que junta as necessidades de empresas, instituições e municípios às competências e ofertas do ecossistema empreendedor de Lisboa; onde a inovação das *startups* está ao alcance de quem dela possa beneficiar. Uma parceria do município com a ZAASK. Mais informações em madeoflisboa.com/mercado-made-of-lisboa.

SERVIÇOS DE CONSULTORIA ÀS EMPRESAS



Uma equipa da CML e da Startup Lisboa, formada por vários especialistas (Lisboa Empreende +), identifica todos os apoios existentes e presta consultoria às micro, pequenas e médias empresas, com vista a mitigar os efeitos da crise e ajudar à sua recuperação económica.

Em paralelo, foi criado no site lisboa.pt um dossiê especial com informação compilada sobre apoios e legislação. 📄

Apoio ao Comércio e Restauração

PROMOÇÃO DO COMÉRCIO ONLINE

A autarquia promoveu uma parceria entre a União de Associações de Comércio e Serviços (UACS) e os CTT para apoiar as pequenas e médias empresas de Lisboa na transição para o comércio digital. As empresas podem criar lojas *online* usando uma interface *web* amigável, que não exige conhecimentos técnicos, e que funciona de forma integrada com os sistemas de expedição dos CTT. As lojas ficaram ainda com acesso ao *marketplace* Dott, isentas de pagamento de comissões sobre as vendas até final de abril. A Dott, resultado de uma parceria entre os CTT e a Sonae, funciona como centro comercial na Internet, onde as empresas podem apresentar e vender os seus produtos.

CRIAÇÃO DA PLATAFORMA “ESTAMOS ABERTOS”

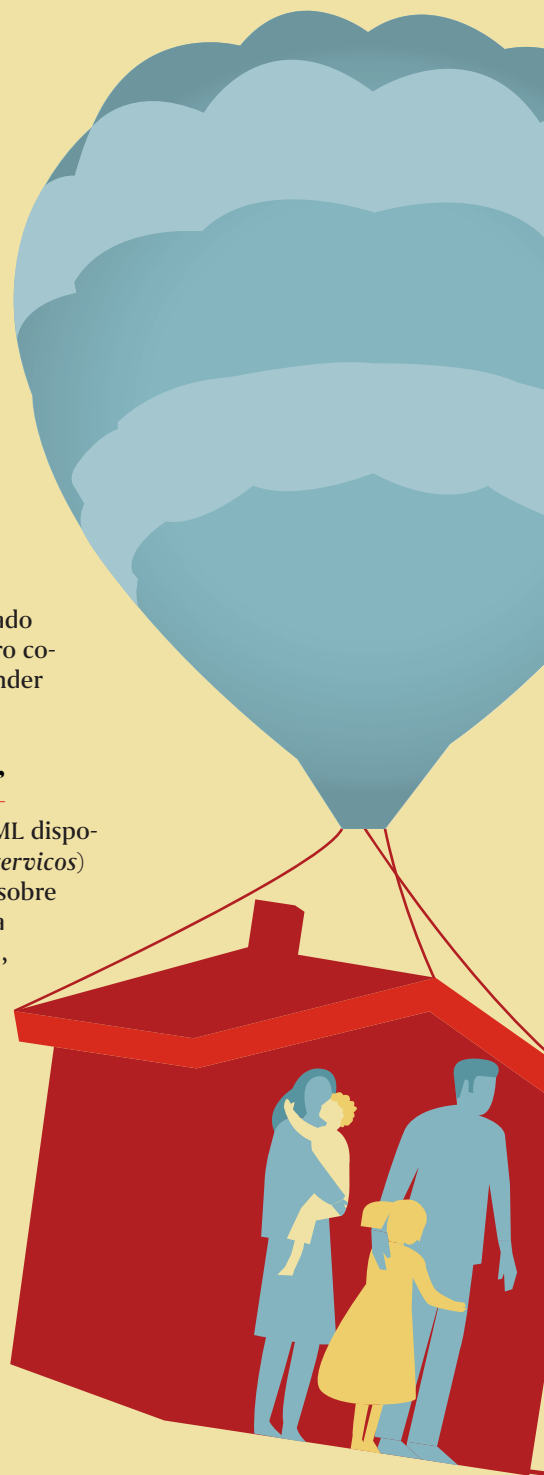
Para ajudar o comércio local e evitar deslocações inúteis, a CML disponibilizou no seu *site* (lisboa.pt/covid-19/a-cidade/comercio-e-servicos) uma Plataforma de Restauração e Comércio com informação sobre os estabelecimentos comerciais em funcionamento em Lisboa durante o período de confinamento. Através desta plataforma, com mapa associado, é possível ficar a saber quais são os estabelecimentos abertos, serviços prestados, horários, contactos e se dispõem de entrega ao domicílio. Esta ferramenta foi construída em colaboração com a União de Associações de Comércio e Serviços (UACS), a Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP) e as juntas de freguesia.

PROMOÇÃO DAS ENTREGAS AO DOMICÍLIO

Para os comerciantes que até agora não dispunham de serviço de entrega ao domicílio, a CML facilitou o estabelecimento de parcerias entre operadores de transporte e comércio local e disponibilizou essa informação no seu *site*. O objetivo é incentivar os proprietários a manter a sua atividade económica e, ao mesmo tempo, evitar deslocações e contactos presenciais.

COMPRA DE FRESCOS AOS PRODUTORES

Face ao encerramento temporário de mercados e feiras, e à diminuição de afluência de consumidores nos espaços em funcionamento, a CML passou a adquirir regular-





mente os produtos frescos aos produtores que comercializavam nestes locais, ajudando ao seu escoamento. Esses produtos são entregues às associações que fazem distribuição alimentar em Lisboa. ☺

Apoio às Famílias

SUSPENSÃO DE PAGAMENTO DE RENDAS MUNICIPAIS

Cerca de 24 mil famílias e 70 mil pessoas são beneficiadas com a suspensão do pagamento das rendas das casas municipais, até final de junho. Prevê-se que os valores das rendas não cobradas desde abril sejam pagos a partir de julho, durante 18 meses através de prestações sem juros. Em caso de desemprego ou diminuição de rendimentos, as famílias poderão pedir uma reavaliação do valor das rendas.

CRIAÇÃO DA LINHA “É HABITAÇÃO”

Para responder às várias questões que têm surgido acerca das medidas no mercado privado de arrendamento, a vigorarem durante o período de exceção, o município lançou a linha “É Habitação”. Este atendimento está disponível de segunda a sexta-feira, das 9h00 às 17h30, através do número de telefone 800 919 075 ou do e-mail ehabitacao@lisboa.pt. Muitas das dúvidas encontram também resposta online através do site lisboa.pt/covid-19/a-cidade/habitacao.

FORNECIMENTO DE REFEIÇÕES A FAMÍLIAS CARENCIADAS



Articulando recursos da autarquia, juntas de freguesia, associações e Santa Casa da Misericórdia, estão a ser fornecidas refeições quentes e alimentos às pessoas carenciadas, nomeadamente famílias afetadas pelo desemprego, idosos, refugiados, pessoas sem-abrigo e instituições sociais. A sua distribuição é feita casa a casa, junto das famílias que pediram auxílio; em pontos de recolha divulgados nas escolas e nas juntas; e em três tendas montadas pelo Exército, com a ajuda de elementos das Forças Armadas: em Santa Apolónia, na estação do Cais do Sodré e na Praça Paiva Couceiro, Penha de França (ver pág. 35). Também são entregues refeições no aeroporto de Lisboa para quem se encontra retido.

DISTRIBUIÇÃO DE REFEIÇÕES A ALUNOS ABRANGIDOS PELA AÇÃO SOCIAL



As escolas continuam a fornecer refeições (pequeno-almoço, almoço e lanche) aos alunos abrangidos pela Ação Social Escolar e a crianças com necessidades educativas especiais, num universo de 8344 alunos. As refeições são entregues aos encarregados de educação em sistema de *take away* (servidas em formato unido e transportáveis, por motivos de higiene e segurança), em 26 escolas estrategicamente distribuídas pela cidade.

ENTREGA DE COMPUTADORES

Mais de 3300 alunos referenciados receberam computadores para poderem prosseguir as aulas pela Internet. Depois deste período de ensino à distância, os portáteis serão devolvidos à autarquia para equipar as escolas durante o próximo ano.

ESCOLAS ABERTAS PARA APOIO AOS PAIS

Nove escolas em Lisboa permanecem abertas para acolher filhos de profissionais em serviços essenciais que não podem ficar em casa, nomeadamente nas áreas da segurança, saúde e higiene urbana.

Os mais pequenos têm acompanhamento com uma educadora e os mais velhos com uma professora, realizando atividades letivas e lúdico-pedagógicas. ●

Apoio às Pessoas Sem-Abrigo

NOVOS CENTROS DE ACOLHIMENTO

Reforçando o apoio às pessoas sem-abrigo, foram abertos mais quatro centros de acolhimento de emergência: pavilhão do Casal Vistoso (cerca de 80 utentes), na rua João da Silva, Areeiro; pavilhão da Tapadinha (cerca de 45 utentes), em Alcântara; Casa do Lago (só para mulheres, cerca de 20), em São Domingos de Benfica; e Clube Nacional de Natação (cerca de 45 utentes), na rua de São Bento. Aqui têm refeições, triagem e monitorização médica, balneário e algumas atividades como desporto e música para ocupar o tempo (ver pág. 30).

Além do trabalho voluntário foi também celebrado um protocolo entre a autarquia e o ISCTE para a contratação de 50 técnicos especializados no acompanhamento social. Constituiu-se também uma “Equipa de Missão”.

DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS

Várias associações, apoiadas pela autarquia, distribuem alimentos em doses individuais em diversos pontos da cidade. Uma dessas associações é a Refood, outra é a Crescer, responsável pelo projeto *Isto é um Restaurante*, um restaurante solidário onde os funcionários são pessoas que passaram por situações de sem-abrigo e que tiveram formação na área da hotelaria. Com o restaurante fechado ao público, continuaram a cozinhar e a distribuir cerca de 200 refeições diárias pelas pessoas carenciadas. Além de todas as outras associações que regularmente distribuem alimentos por quem mais precisa, como a Noor Fátima, a Comunidade Viva e Paz, os Amigos da Rua e a CASA, também as juntas de freguesia ajudam na distribuição diária de refeições e alimentos (ver pág. 45).



ALOJAMENTO PARA QUARENTENA

Na Mesquita Central de Lisboa há um espaço de isolamento para pessoas em situação de sem-abrigo com teste positivo para Covid-19. Tem capacidade para dez pessoas, eventualmente alargável, e destina-se a acolher casos que não necessitem de internamento. A iniciativa é da Câmara Municipal de Lisboa e conta com a colaboração dos Bombeiros Voluntários da Ajuda e da Comunidade Islâmica que cede o espaço numa ala autónoma da mesquita. ☺

Apoio aos Idosos

REFEIÇÕES E ACOMPANHAMENTO DOMICILIÁRIO

E porque nesta situação de pandemia, são os idosos uma das populações mais vulneráveis e afetadas, a autarquia, em estreita colaboração com as juntas de freguesia, Santa Casa da Misericórdia e associações, garante apoio social a cerca de 6 mil idosos e doentes crónicos, nomeadamente com refeições quentes, higiene pessoal, entrega de alimentos e medicamentos. Em média, estão a ser feitas 1225 entregas domiciliárias (supermercado e/ou farmácia) e efetuadas 3905 chamadas telefónicas por dia.

FISCALIZAÇÃO DE LARES

A Câmara de Lisboa, em conjunto com outras entidades, começou a identificar os lares da capital que estão em situação irregular para garantir medidas de saúde e de segurança adequados face à Covid-19. ☺

Apoio à Cultura

INVESTIMENTO EM NOVOS PROJETOS CULTURAIS E SUBSÍDIOS DE EMERGÊNCIA

Um milhão de euros é quanto a autarquia investirá em projetos culturais. Sendo a cultura um dos setores mais penalizados pela crise, há ainda uma um reforço de 250 mil euros destinado à subsistência de trabalhadores independentes e entidades culturais e criativas que se encontrem em particular dificuldade económica. As candidaturas estão em curso.

MANUTENÇÃO DOS CONTRATOS E DOS APOIOS

Os contratos previamente celebrados entre a EGEAC ou a Direção Municipal de Cultura e os agentes culturais são pagos na íntegra. A programação terá um novo calendário ou está a ser adaptada para transmissão *online*. Também se mantém e acelera o pagamento



Lisboa ajuda

de apoios às entidades culturais da cidade já beneficiárias, com vista a preservar as suas estruturas de funcionamento.

ISENÇÃO DE RENDAS MUNICIPAIS PARA ARTISTAS E INSTITUIÇÕES

Artistas individuais e instituições de âmbito social, cultural, desportivo e recreativo instalados em espaços municipais beneficiam de isenção integral do pagamento de rendas até final de junho.

AQUISIÇÕES DE LIVROS E OBRAS DE ARTE

Foi também reforçado o fundo para aquisições na área das artes plásticas, e alargado aos setores do livro e da arte pública.

PROTEÇÃO DO FADO

Como marca da identidade cultural de Lisboa, o fado e as casas de fado merecem uma atenção particular. O apoio imediato às casas de fado, e seus artistas, ascende a 200 mil euros.

Será também produzido um documentário, em parceria com a RTP, sobre as casas de fado emblemáticas da cidade, com transmissão pela RTP e redes sociais da autarquia e EGEAC. Em simultâneo, o Museu do Fado está a desenvolver uma programação com todos os artistas das casas de fado de Lisboa, para transmissão *online*. No médio prazo, a Câmara Municipal, em colaboração com a Associação do Turismo de Lisboa, desenvolverá um programa específico para relançar o setor. 🎧

Mais informações na Loja Lisboa Cultura
(cm-lisboa.pt/polo-cultural-gaivotas-boavista/loja-lisboa-cultura)

Animais

AJUDA ALIMENTAR

Nesta crise, os animais não foram esquecidos. Numa campanha promovida pelo Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, a autarquia entregou à Associação Animalife duas toneladas de alimentos para animais, recolhidos junto de produtores e supermercados. Estes alimentos são redistribuídos pelas várias associações de proteção de animais da cidade. As famílias com dificuldades para manter os seus animais domésticos podem pedir ajuda junto destas associações. 🐾



Atendimento e serviços municipais

A autarquia continua a manter o contacto com os cidadãos, com a reabertura das lojas de atendimento, mas preferencialmente através da internet e do telefone. O *site Lisboa.pt* reúne informação sobre todas as áreas de atuação do município e disponibiliza atendimento direto (*chat*). No *site lojalisboa.pt*, podem fazer-se e consultar pedidos, como processos de licenciamento de espaço público e urbanismo, pagamentos e aceder a outros serviços municipais em suporte digital.

Toda a informação pertinente continua a ser prestada através dos canais habituais, *website* e redes sociais, além da linha telefónica 808 203 232, de segunda-feira a sábado das 8h00 às 20h00. Pode ainda ser utilizado o correio eletrónico, *municipe@cm-lisboa.pt*, assim como o portal “Na Minha Rua LX” (*naminharualx.cm-lisboa.pt*) para participação de problemas em espaços públicos, equipamentos municipais e higiene urbana que necessitem da intervenção da Câmara ou das juntas de freguesia.

Loja Lisboa Cultura

Para os agentes culturais o atendimento é feito por correio eletrónico, *loja.lisboa.cultura@cm-lisboa.pt*, ou através do telefone 218 173 600, nos dias úteis das 14h00 às 19h00.

Caso já beneficie de apoio do município pode contactar o técnico da Divisão de Ação Cultural que gere o respetivo processo através do endereço *dmc.dac@cm-lisboa.pt*.

Recolha de donativos

Quer ajudar e não sabe como? A autarquia está a recolher doações para a população mais vulnerável da cidade, nomeadamente para os centros de acolhimento a pessoas sem abrigo: roupa, produtos de higiene e proteção sanitária, bens alimentares, livros, etc. Para saber como contribuir, envie um *e-mail* para *doar@cm-lisboa.pt* 📧



17 de Abril 2020, 7h30

CHIADO

FOTO DE CARLOS SILVA



19 de Abril 2020, 19h30

AVENIDA DA LIBERDADE

FOTO DE AMÉRICO SIMAS





21 de Abril 2020, 21h47

RUA DO ARSENAL

FOTO DE NUNO CORREIA





ABRIGAR E CUIDAR DE

A pandemia trouxe uma urgência acrescida para a proteção das pessoas sem abrigo.

A todos os que o quiseram, foi oferecido abrigo, roupa, alimentação, higiene e, sobretudo, mão amiga e calor humano.



JORGE COSTA 53 ANOS, DESEMPREGADO E SEM-ABRIGO

QUEM NÃO TEM TETO



TEXTO DE
**LUÍS MIGUEL
CARNEIRO**

FOTOS
**NUNO
CORREIA**

KITÓ (JOAQUIM ANTÓNIO) 52 ANOS, CABELEIREIRO E VOLUNTÁRIO

Além do grave problema social, havia o receio de a eventual contaminação da população sem abrigo representar um risco para a saúde pública. Abriram-se quatro centros de acolhimento com capacidade para 200 pessoas (Pavilhões do Casal Vistoso e da Tapadinha, Clube Nacional de Natação e Casa do Lago).

Na pré-pandemia, ao desígnio nacional de dar teto a toda a população até 2023 juntara-se a vontade da autarquia, com a aprovação do Plano Municipal para as Pessoas em Situação de Sem-Abrigo. O número de pessoas sem teto nos últimos anos quedara-se

abaixo das quatro centenas, muito menos do que nos anos críticos da viragem do século (epidemia da adição à heroína, com epicentro no Casal Ventoso) e durante o breve surto dos anos 2011-2014 (efeito da crise económica e financeira). Porém, mesmo aquele número não é pequeno: significa muita gente a quem a vida trocou as voltas. Os quatro centros e albergues noturnos preexistentes (geridos pela AMI, Exército de



Centro de Acolhimento do Casal Vistoso, abril 2020.

Salvação, Vitae e Albergues Noturnos, com apoio da autarquia) apenas têm capacidade para 400 pessoas.

Face à situação de emergência, houve que encontrar soluções, mesmo que temporárias. Para montar e coordenar os quatro novos centros, foi chamado o Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo (NPISA), que há muito vem acompanhando esta população (com cuidados médicos, sanitários, alimentares, psicológicos, sociais, etc.). Este organismo é coordenado pela Câmara Municipal e tem por parceiros centrais a Segurança Social e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Integra ainda 33 entidades, incluindo organizações não governamentais e associações de voluntários.

Jorge Costa, 53 anos, desempregado e sem-abrigo
PÁGINA 30

A vida dá muitas voltas. Depois de uma breve estadia em Alverca, voltou à sua cidade de Lisboa, sem emprego e sem teto. “Habituei-me a perceber que a sociedade só ajuda quem está a subir e ignora quem está a descer; mas não sou uma vítima, esta situação é da minha responsabilidade, tenho de assumir os meus erros”, confessa. A crise da pandemia apanhou-o a vaguear em torno da Estação de Santa Apolónia, um local que atrai muita gente na mesma situação, porque oferecia casas de banho, mesas para comer e pontos para carregar o telemóvel, para além de muita gente de passagem a quem se podia “cravar uma moedinha ou um cigarro”. Nesta zona, apenas faltavam meios para a lavagem da roupa e para aceder à internet, única via para resolver assuntos prementes com a Segurança Social.

Mas, de súbito, a situação mudou: fecharam os restaurantes beneméritos, desapareceram os transeuntes a quem pedir, não há carros para ajudar a estacionar, a comida no lixo deixou de ser convidativa e até as beatas no chão passaram a escassear. “Fechou tudo, o próprio mundo está fechado, não há ninguém nas ruas, parece que caiu uma bomba de neutrões”, e tudo piorou para quem já tinha tão pouco. Começou então a circular de boca em boca, entre a população sem abrigo, que o Pavilhão do Casal Vistoso os estava a acolher.

Aqui chegado, passou pela indispensável triagem (incluindo rastreio médico) e alcançou o que mais necessitava: um local protegido para dormir, refeições e o banho diário, indispensável para não cheirar mal e poder resolver a sua situação social junto de eventuais empregadores. “Estamos gratos, parece que, afinal, também olham para quem está cá em baixo”. E deixa o seu testemunho: “as pessoas que aqui trabalham como voluntárias fazem um trabalho fantástico, têm uma paciência enorme para os mais rebeldes e resolvem tudo a bem, a contento de todos”.

Kitó (Joaquim António), 52 anos, cabeleireiro e voluntário PÁGINA 31

Tem um salão de cabeleireiro em Benfica, que conta com o primeiro-ministro e a sua mulher como clientes. O estado de emergência obrigou ao encerramento provisório do estabelecimento. Mesmo com filhos e netos, teve de entrar em *lay-off*. Passou então a dedicar-se a tempo inteiro a uma atividade antiga: o voluntariado. Como voluntário, já esteve a ajudar refugiados na Síria e na Grécia. “Os portugueses têm boa imagem em todo o lado, pois, para além de solidários, somos muito humanitários, e isso distingue-nos”.

Juntou-se à Associação Noor’Fatima, nomeadamente no apoio a pessoas sem abrigo, sobretudo à noite – o que nunca lhe trouxe qualquer problema. “Não é só dar comida, é conversar, fazer companhia, estar com estas pessoas como num grupo de amigos e, se possível, tirá-las da rua”. Naturalmente, a grave situação de saúde pública que resultou da pandemia preocupou-o desde o início e destacou-se como um dos primeiros voluntários a ajudar quem precisa no Pavilhão do Casal Vistoso, fazendo tudo o que fosse necessário.

A associação lança dois apelos por semana nas redes sociais e, felizmente, a resposta tem sido boa: “quase toda a gente ajuda, na medida das suas possibilidades, de embaixadores a gente humilde”, e até os clientes do seu salão de cabeleireiro oferecem roupa e sapatos. “Claro que ando sempre preocupado com o perigo de contaminação, usamos proteções e tomamos as nossas precauções; não somos heróis, mas alguém tem de estar aqui na linha da frente”.

Maria Teresa Bispo 60 anos, funcionária municipal. Coordena o Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo (NPISA) e os quatro novos centros de acolhimento.

A partir do Centro de Acolhimento do Pavilhão do Casal Vistoso, Maria Teresa e a sua equipa (dois



MARIA TERESA BISPO
60 ANOS, COORDENADORA NPISA

turnos com cinco técnicos mais os voluntários das associações CASA, Noor'Fatima e Crescer) coordenam e gerem recursos, providenciando uma resposta que permitiu retirar da rua, para estes novos quatro centros, mais de 200 pessoas, acompanhando-as a todas as horas do dia. À semelhança dos outros centros, também no Casal Vistoso são servidas quatro ou cinco refeições diárias. Os duches e a higiene pessoal são garantidos, bem como roupa limpa e em bom estado, fruto de doações. Existem áreas comuns de lazer (como para ver televisão, ler ou jogar) e pátio para apanhar sol e relaxar. As áreas para dormir estão divididas em zonas para homens e para mulheres, casais e pessoas de mobilidade reduzida. Depois de almoço, muitos ficam-se por aqui, outros vão à sua vida. Quando regressam passam pela triagem, incluindo um rastreio médico, com medição de temperatura.

“Esta foi a minha maior experiência de vida, emocional e afetiva”, confidencia Maria Teresa, entre ser apresentada a um novo utente do centro e dar instruções aos voluntários que, generosamente, a acompanham. “Por um lado, conseguimos que toda esta gente não fosse infetada; por outro, ultrapassámos todos os preconceitos que ainda pudéssemos ter. As pessoas aqui sentem-se seguras e nós sentimos a vida preenchida”. Anda de um lado para o outro, confirmando que tudo está bem. Ao passar, muitos dos seus novos amigos lhe chamam “tia”. E até há um que, talvez sonhando já com o futuro, a trata por “madrinha”.

Marco Labreco 52 anos, colaborador da Associação Crescer

Viveu sem abrigo nas ruas de Lisboa durante 12 anos, angariando umas moedas a arrumar carros no Campo das Cebolas. Estava na rua porque não tinha emprego e não tinha emprego porque estava na rua: “quando ia a uma entrevista para arranjar trabalho tudo corria bem até me perguntarem o endereço da residência; quando percebiam que era um sem-abrigo, adeus, bom dia”.

O ciclo vicioso quebrou-se há dois anos, quando uma associação de intervenção comunitária – a Crescer – os tirou da rua (a ele e à sua cadelinha), ao abrigo do projeto Housing First / É Uma Casa, que conta com o apoio da autarquia. “Ao fim de tantos anos na rua, quando me deitei numa cama até tive vertigens”, recorda. Passou então a colaborar com esta associa-



MARCO LABRECO 53 ANOS, COLABORADOR, ASSOCIAÇÃO CRESCER

ção, que desenvolve trabalho junto das pessoas sem abrigo e dos consumidores de substâncias psicoativas, zelando pela organização e bom funcionamento de uma casa em Arroios, cedida pela Junta de Freguesia, que acolhe pessoas em situação vulnerável. “O espaço tem banhos e internet e proporciona às pessoas um lugar para dormir, melhor do que os albergues onde quase não se descansa, evitando que andem nas ruas como zombies”.

No período da pandemia, o seu trabalho estendeu-se ao apoio às operações no Pavilhão do Casal Vistoso, onde ajuda na distribuição das refeições e onde a sua experiência o habilita como mediador entre as instituições e aqueles que necessitam de ajuda. “É um trabalho que faço com vontade, mesmo correndo o risco de ser contaminado por algum doente assintomático. Fui ajudado, agora ajudo os outros. Mesmo ganhando apenas o salário mínimo, eu, que não fumo, todos os dias compro um maço de cigarros para dar aos mais ansiosos”. ☺



NINGUÉM PODE PASSAR FOME

Quem não aceita um teto, ainda que temporário, também não pode ser deixado para trás. Algumas pessoas sem abrigo preferem, por razões várias, continuar na rua. Como outras pessoas igualmente carenciadas, sobrevivem com dádivas dos cafés, pastelarias e restaurantes, bem como de esmolas deixadas por transeuntes menos apressados e mais generosos. O estado de emergência e o confinamento ditou o fim desses gestos e impôs a mudança. Houve que encontrar alternativas para que ninguém passasse fome.

Milhares de refeições são diariamente confeccionadas sob a tutela da autarquia e distribuídas a partir de uma rede de 26 escolas públicas. A estas juntam-se outros milhares de refeições providenciados pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pelas juntas de freguesia, pelas associações de voluntários e outras entidades. A distribuição acontece na rua, nas lojas da Refood (uma organização que antes recolhia as doações da restauração), nas escolas, nos espaços das juntas, no serviço porta a porta, enfim, de todos os modos possíveis. Mas uma coisa é certa: sem o empenho dos funcionários públicos e dos voluntários não havia volta a dar à fome.



Fila para receber refeições,
praça Duque de Saldanha, abril 2020.



Primeiro-sargento Leitão, 34 anos, militar do Exército Português

Semana sim, semana não, alternando com outra equipa, este sargento integra o grupo de três militares (com dois praças, um homem e uma mulher) do Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 que, ao almoço e ao jantar, distribui refeições a quem os procura – pessoas sem abrigo, desempregados, idosos solitários e todos quantos careçam de uma refeição quente.

Esta ação iniciou-se no dia 28 de março, na Praça Paiva Couceiro e Santa Apolónia (com militares do Exército) e no Cais do Gás, ao Cais do Sodré (com elementos da Marinha). As refeições (almoço e jantar) são providenciadas pela autarquia lisboeta, nos dias de semana, e pela Santa Casa da Misericórdia, aos fins de semana. Em média, nesta praça, são distribuídas 200 refeições ao almoço e 150 ao jantar. As pessoas que enfileiram para as receber mantêm as distâncias devidas e, após receberem os sacos com a comida quente, fruta, pão e água engarrafada, retiram-se para longe de olhares indiscretos.

O primeiro sargento sabe que o seu trabalho humanitário não termina com a entrega das refeições. Apesar do uso do equipamento de proteção individual, há depois que proceder cuidadosamente à desinfeção de todo o material, incluindo a descontaminação da viatura, para segurança de todos. “A família, apesar de preocupada, tem orgulho nesta minha função”, confidencia-nos. “Sabem que é uma missão nobre, para servir os portugueses, e nós temos esse sentido de missão”.

Nurjaha Tarmahomed, fundadora da Associação Noor’Fatima Voluntariado

Nascida em Moçambique no seio de uma família com origens indianas, foi em Portugal que se afirmou como empresária de sucesso, mantendo uma clínica de estética e um ginásio. Ainda jovem, teve uma experiência de voluntariado em Moçambique, aonde voltou durante cinco semanas: chocada, despertou então para a dura realidade da pobreza e da doença onde os recursos são escassos – “passei duas semanas a chorar”, recorda. Em Portugal, foi surpreendida com a descoberta de que a mãe, entretanto falecida, ajudava diversas pessoas, praticamente em segredo. Num momento de iluminação, concluiu que a sua “vida so-

“É uma missão nobre servir os portugueses, e nós temos esse sentido de missão.”

PRIMEIRO-SARGENTO LEITÃO 34 ANOS,
MILITAR DO EXÉRCITO PORTUGUÊS



cial, com viagens, bons hotéis e restaurantes, era um vazio” que urgia preencher. Dessa epifania resultou encerrar os negócios e dedicar-se ao voluntariado em Lisboa, materializando um ideal da sua fé islâmica.

Em 2015, juntou-se primeiro aos voluntários de uma igreja evangélica, distribuindo sopa aos sem-abrigo, uma vez por semana. “Desaparecia tudo num instante, tal era a fome; sopa, só uma vez por semana, não era suficiente”, pelo que ativou uma rede solidária no Facebook, juntando um grupo que levava à rua a comida que cada um trazia. Este movimento cresceu de tal modo, que foi necessário constituir uma associação, para poder angariar donativos de restaurantes, pastelarias, padarias e outras empresas. Com uma carrinha, começaram, então, a distribuir refeições quentes todos os dias, “com comida variada, bem temperada e sacos individuais cada vez mais cheios”. Além de comida, são distribuídos artigos de vestuário e de higiene.



“Não poupamos a dar, damos tudo o que temos porque amanhã, se Deus quiser, haverá mais”.

NURJAH TARMAHOMED FUNDADORA DA ASSOCIAÇÃO
NOOR'FATIMA VOLUNTARIADO

Com a eclosão da crise pandémica, a associação, agora a trabalhar com 70 voluntários, uniu os seus esforços aos de outros parceiros do Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo (NPISA) — coordenado pela autarquia lisboeta. Para além de ajudarem no trabalho desenvolvido no Centro de Acolhimento do Pavilhão do Casal Vistoso, estes voluntários mantêm a distribuição na rua (zona do Saldanha, entre outras) de cerca de 300 refeições diárias ao final do dia — “agora mais cedo, para que quem necessita não tenha de esperar com fome”. Além disso, ainda há sempre fruta e comida fria na sede da associação. “Não poupamos a dar, damos tudo o que temos porque amanhã, se Deus quiser, haverá mais”.

David de Jesus, 30 anos, *chef* de cozinha no projeto “É Um Restaurante”

Quando a autarquia cedeu o espaço de um antigo restaurante à Associação Crescer, que há muito vinha apoiando pessoas sem abrigo e/ou com problemas de adição a substâncias psicoativas, em vez de se montar um local para servir refeições a essas pessoas, optou-se por outra solução: criar para elas uma escola de restauração que, simultaneamente, funcionasse como restaurante para servir gente dita “normal”. Assim, foi possível tirar jovens da rua, dando-lhes formação e emprego. Decorre a segunda ação de formação, iniciada em novembro com aulas na Escola de Hotelaria e Turismo, com o apoio do Centro de Emprego e do Turismo de Portugal, prosseguindo depois a formação no “É Um Restaurante”, na Rua de São José, paralela à avenida da Liberdade.

Seis jovens que estavam em situação de sem-abrigo (agora abrigados e designados provisoriamente por “sem-casa”) formam o grupo a trabalhar e a aprender no restaurante que, até ao início da crise de saúde, servia diariamente até cerca de 30 refeições (a lotação do espaço). Auferem salário mensal, mas o mais importante é que “podem vir a trabalhar nos melhores restaurantes e hotéis, pois as pessoas que estiveram em situação de vulnerabilidade são tão válidas como as outras”. Quem o diz é o *chef* David que, com o suporte de uma psicóloga e de um chefe de sala, dirigiu o processo de seleção e conseguiu unir em trabalho de equipa “pessoas de caráter muito independente”. Este *chef*, formado em 2009 pela Escola de Hotelaria e Turismo, zela para que todos os formandos vençam este desafio, melhorando todos

os dias a confecção dos pratos e a qualidade do serviço de sala.

Agora que o restaurante está fechado ao público, todos os dias esta equipa confeciona cerca de 200 refeições para distribuir na rua, à população sem abrigo. Ainda é uma volta grande, onde são esperados por gente que se perfila mantendo as distâncias prescritas, em Santa Apolónia, Rossio, Avenida Almirante Reis, Arroios... Hoje servem folhados de seitan com queijo mozarella e legumes, amanhã será jardineira de javali. O segredo: as doações de empresas do ramo alimentar e de distribuição. “Não somos um restaurante de coitadinhos; ajudamos quem precisa, mas amanhã, quando passar a pandemia, voltaremos também a trabalhar com a clientela mais exigente”, promete o *chef*.

Rui, 42 anos, formando em cozinha no projeto “É Um Restaurante” (imagem de cima)

A vida por vezes é ingrata e pode virar tudo do avesso. Rui sabe do que fala quando recorda os tempos em que se viu a viver na rua, na sequência do divórcio dos pais, quando tinha apenas 15 anos. Desprotegido, à mercê de companhias desadequadas, experimentou no seu percurso a armadilha da adição às drogas e vivenciou coisas que muitos adultos não teriam arcaboço para viver e contar. Mas, se caiu, sem saber como nem porquê, também se soube reerguer, aproveitando a ajuda de quem lhe deu a mão.

A entrada na formação em cozinha e restauração promovida pelo projeto “É Um Restaurante” permitiu-lhe deixar de viver na rua e abrigar-se no conforto de um quarto. Ainda é um “sem-casa”, mas tudo pode mudar quando acabar a sua formação, que começou na Escola de Hotelaria e Turismo, com aulas práticas. Agora, todos os dias participa na confecção de refeições para distribuir por aqueles que, sem teto, ainda vagueiam de dia e dormem à noite sob o signo dos elementos.

“Espero ter mudado o rumo da minha vida; agora não quero esquecer os outros, é gratificante dar de mim o que puder”, é a jura que faz a si próprio. Por isso, para além do trabalho na cozinha ou na sala de refeições, também faz questão de ajudar na distribuição da comida que confecionou aos que dela necessitam. Sempre que pode, vai na carrinha que faz o percurso pelos locais onde há gente sem abrigo. “Como qualquer cozinheiro, gostamos sempre de ver as reações de quem prova a nossa comida; vê-los a comer com satisfação até nos deixa com peles de galinha”. ● LMC



“Não somos
um restaurante
de coitadinhos.
Ajudamos quem
precisa.”

DAVID DE JESUS 30 ANOS, CHEF NO 'É UM RESTAURANTE'



Uma

Nem mesmo nos momentos mais críticos da pandemia a cidade deixou de funcionar.

Cidade que

Serviços e bens essenciais estiveram sempre disponíveis e, em muitos casos, reforçados.

Não Pode

Na primeira linha, os funcionários públicos, mas também muitos outros profissionais e voluntários,

Parar

para quem a vida só faz sentido se vivida para todos.

TEXTO DE LUÍS MIGUEL CARNEIRO

Depoimentos



Patrícia Rosa

*40 anos, enfermeira no
Hospital Curry Cabral*

Trabalha, como outros profissionais de saúde, na primeira linha de combate à epidemia. E a sua vida profissional e pessoal sofreu um sobressalto: “veio a ansiedade provocada pela incerteza face ao desconhecido que ainda envolve esta doença; mesmo em casa, estou sempre a pensar nisto, no que vem a seguir, e perco o sono e o apetite”.

Patrícia é uma das enfermeiras destacadas para uma ala do hospital que foi adaptada para doentes Covid 19 em tratamento também a outras doenças, como é o caso dos que sofrem de insuficiência renal e têm de prosseguir com a hemodiálise. Patrícia veste o equipamento de proteção, que causa desconforto e comporta dificuldades acrescidas em operações normalmente tão simples como medir a temperatura ou tirar sangue.

“Felizmente, estamos bem equipados; mas não deixo de ter medo, por mim e pelos outros que poderei contaminar. O medo faz parte disto, não somos heróis, apenas fazemos aquilo que os enfermeiros fazem, e que procuro fazer da melhor forma possível”.

Ana Valentim

42 anos, bombeira

A sub-chefe do Regimento de Sapadores Bombeiros constata uma menor atividade no seu dia a dia profissional desde que começou o período de quarentena: chefia uma equipa / viatura de desencarceramento e, devido ao muito menor volume de tráfego, tem havido muito menos acidentes. No entanto, o estado de prontidão não abrandou e, dadas as múltiplas valências de socorro do quartel de Marvila, sabe que a sua equipa pode ser chamada para qualquer tipo de ocorrências que se sucedem todos os dias.

O estado de exceção vivido no país tem, naturalmente, os seus reflexos no quartel.

Ninguém entra sem medir primeiro a temperatura corporal e, após o turno, são já rotineiros os procedimentos de segurança, com a higienização pessoal e das viaturas. “Volto a medo para casa, não por mim, mas porque tenho marido e dois filhos que não quero contaminar”, confessa quem é bombeira há já 23 anos.



Carlos Carvalho

39 anos, cantoneiro de desinfeção

A emergência da pandemia obrigou a reforçar a desinfeção do espaço público, embora Carlos já faça este trabalho desde há quatro anos. Para além dos habituais ecopontos e tampas de coletores subterrâneos, na atual situação dedica também especial atenção a locais como entradas de farmácias e supermercados, paragens dos transportes públicos, pontos de multibanco e todos os locais onde se registre concentração de pessoas ou espaços públicos mais confinados.

Para contrariar o velho ditado que diz que “em casa de ferreiro, espeto de pau”, Carlos não se limita a desinfetar ruas — também tem cuidado com a sua desinfeção pessoal. Com o pai de 70 anos em casa, o natural receio de eventual contaminação obriga a cuidados sanitários redobrados na hora de voltar. Não se importa de trabalhar à noite, mas já gostou mais: “agora é esquisito não se ver gente na rua, sobretudo nos locais de diversão noturna”.



Moshiur e Sharmin

36 anos, e 23 anos, comerciantes

Naturalmente, houve comércio que teve de manter as portas abertas para que os lisboetas pudessem continuar a abastecer as suas casas. É o caso das mercearias, frutarias, super e minimercados, farmácias e padarias, entre outros. Moshiur e a mulher, Sharmin, naturais do Bangladesh, gerem um minimercado há dois anos, um estabelecimento aberto há 14 por familiares.

Máscaras e luvas tornaram-se elementos habituais no seu dia a dia e mantêm a distância para com os clientes, que só entram um a um. O único empregado espera agora em casa por melhores dias. Mas estas não foram as únicas alterações que chegaram com a pandemia: “há menos clientes, que agora fazem maiores abastecimentos nas grandes superfícies, e só os habituais recorrem aos pequenos estabelecimentos para pequenas compras”, constata Moshiur.

Vale a este pequeno comércio a venda de cigarros e de álcool, pois “parece que as pessoas em casa fumam e bebem mais”.

Vítor Manuel Rei de Deus

56 anos, técnico de coletores

A rede de saneamento básico incluiu as redes de esgotos e das águas pluviais, permitindo o tratamento das águas residuais e a sua reciclagem para reutilização e descontaminação do rio Tejo. Para tal, é necessário manter os coletores de esgotos operacionais, prevenindo o seu entupimento. As zonas de maior concentração de restaurantes eram, habitualmente,

aqueles onde surgiam mais problemas. Com o declínio da atividade e o confinamento da população, foram os despejos domésticos a obrigar a maiores cuidados.

Vítor dedica-se a esse trabalho desde 1988. Através das tampas dos coletores, aspiram-se os resíduos mais densos e injeta-se água a grande pressão, para remover os depósitos. Por vezes, torna-se necessário descer a estes subterrâneos. Descer aos coletores implica usar um fato parecido com um escafandro, pois a acumulação de gases, como o metano, pode ser mortal. “Os entupimentos não escolhem alturas”, por isso a brigada de Vítor continua a trabalhar em período da pandemia, dando maior atenção aos fatos de proteção e à desinfecção de ferramentas e viaturas.



Beatriz Valente

56 anos, vendedora

O Mercado 31 de Janeiro manteve as portas abertas, cumprindo a função essencial de garantir o abastecimento de produtos frescos à população das freguesias de Arroios, onde se localiza, e das Avenidas Novas, na vizinhança. Frutas, legumes, hortalças, peixe, carne – tudo pode ser encontrado aqui. E ninguém melhor do que quem cá começou a trabalhar há já 43 anos (tinha apenas 13) para testemunhar as alterações nestes tempos de ansiedade: “apesar de haver menos vendas para a restauração, a trabalhar muito menos, aumentou a procura dos clientes particulares, pelo que o volume de vendas é maior”, observa Beatriz.

“No início da pandemia, veio tudo abastecer, andavam todos com medo, parecia que ia acabar o mundo”, recorda. Mas, mantidas as precauções (distância social, máscara e luvas), as idas ao mercado processam-se com normalidade. “As coisas estão um bocadito mais caras, mas não falta nada para quem quiser fazer a sopa”, concluiu.

Depoimentos



Amélia João

57 anos, cantoneira na remoção do lixo

Há 14 anos que o seu trabalho decorre durante a noite, na recolha do lixo que deixamos à porta, em contentores. “Há muito menos lixo nas zonas de cafés e restaurantes, mas há muito mais lixo doméstico, com as pessoas em confinamento”, constata. Antes de partir do Complexo dos Olivais para mais uma “tareia” (como designam a árdua tarefa de andar a correr atrás dos camiões para onde são vazados os desperdícios da cidade), coloca as proteções habituais (luvas e roupa própria), a que agora se junta a máscara. A volta pode durar seis horas ou mais, dependendo se o camião fica cheio e é necessário ir descarregar, para depois voltar e concluir o percurso. A sua viatura pode transportar até oito toneladas de resíduos, mas há colegas que trabalham com outras maiores. A equipa de cada viatura é constituída por um motorista e duas pessoas para carregar e despejar os contentores. O seu camarada é quase 30 anos mais novo, mas ela nunca fica para trás. Normalmente, há aqui 260 cantoneiros para cumprir a tarefa que eternamente se repete. “Apesar de duro, gosto deste trabalho: aproveito para dar a volta à cidade, enquanto os outros dormem”.

José Manuel Pintassilgo

51 anos, varredor

Fadista e proprietário de dois restaurantes que resolveu alugar a outros, José Manuel tomou há quatro anos a surpreendente decisão de se tornar cantoneiro de varredura (oficialmente, assistente operacional da Junta de Freguesia de Arroios). “Podem não acreditar, mas gosto muito deste trabalho; para além de menos ansiedade e de se livrar de problemas da vida de empresário – e de não gastar dinheiro com noitadas – agora tenho mais tempo para pensar enquanto faço a volta da varredura, sinto-me mais livre”, revela.

Começa o seu dia às 6 horas, limpando e desinfetando com lixívia o posto de limpeza, antes de os seus colegas chegarem. A volta da varredura, empurrando o carrinho com dois contentores, dura até às 14 horas. Os dois turnos, com 12 elementos cada um, não são justapostos, para evitar a concentração de pessoal. É uma perpétua tarefa, que se inicia todos os dias como se fosse o primeiro: “como há menos gente, as ruas estão mais limpas, mas sabemos que não nos podemos distrair, e recomeçamos sempre de novo”.



Inês Camacho

24 anos, monitora na Escola Nuno Gonçalves

Apesar do encerramento das atividades letivas, escolas houve que se mantiveram abertas para os filhos de funcionários públicos dos serviços essenciais. Foi o caso da escola Nuno Gonçalves, onde os três irmãos, Marta (12 anos), João (nove) e Sara (sete), filhos de uma enfermeira, e Taras, filho de uma funcionária da Junta de Freguesia da Penha de França, fazem trabalhos escolares e atividades lúdicas. Estão na companhia de Inês, uma monitora do Lisboa Ginásio Clube, destacada para esta escola ao abrigo da Componente de Apoio à Família — e que complementa o acompanhamento que lhes é dispensado pelas suas professoras habituais. Para manter um sinal de “normalidade”, o toque da campainha continua a soar às horas certas.

“Ainda não me habituei ao estranho silêncio”, diz a monitora. Silêncio que agora tomou conta de corredores, escadarias e salas de aula. As atividades dos pequenos alunos não terminam neste espaço, pois levam para casa vídeos com atividades para fazer com os pais. Também Inês regressa depois a casa, com os devidos cuidados que a feliz partilha de viver com a avó exige cultivar.



Carlos Carrasco

*59 anos, encarregado operacional
de Junta de Freguesia*

O seu trabalho na área da requalificação urbana do espaço público ao serviço da Junta de Freguesia das Avenidas Novas foi subitamente interrompido e substituído por outro mais premente: entregar refeições a pessoas idosas e carenciadas. Todos os dias, se dirige à Escola das Galinheiras, onde os serviços municipais entregam centenas de refeições. Daí, segue para uma loja da Refood (a organização que recebia doações da restauração) para prosseguir este trabalho social (que agora continua com o apoio do município), onde deixa 170 refeições; e, depois, para o Bairro do Rego, para a entrega porta a porta de mais meia centena. “Há situações complicadas, com gente de boas origens mas em má situação; por vezes não querem dar a cara por vergonha e pedem, através da porta, para deixarmos a refeição no tapete” - Carlos fala de experiência adquirida. Há gente de todas as idades a beneficiar deste gesto solidário, por vezes famílias numerosas, mas prevalecem os idosos, alguns em completa solidão. Por isso, “não é só distribuir refeições; é também falar e brincar com as pessoas”. Podem não estar previamente inscritos, mas ninguém fica sem comer. E é assim, ao almoço, ao lanche e ao jantar.

Sónia Marcelino

46 anos, auxiliar em lar para idosos

Para se entrar no Lar Padre Carlos, no Bairro das Furnas, só se for indispensável e tomando as necessárias precauções, como usar máscara e não tocar em nada — na realidade, não se registou nenhuma infeção dentro de portas. Aqui, onde não se podem correr riscos de contágio, encontramos a Sónia. A sua função tem o nome de “auxiliar de ação direta”, o que significa fazer um pouco de tudo: manter os espaços limpos e desinfetados, ajudar nas idas à casa de banho e na realização da higiene pessoal, providenciar alimentação, tratar de roupas, auxiliar o pessoal de saúde na prestação de cuidados e, sobretudo, conversar, brincar, jogar e conviver, para que ninguém se sinta só.

Os cerca de 60 utentes (entre os 80 e os 101 anos de idade) lastimam mas compreendem o facto de não poder haver visitas como dantes. Ouvem as notícias e estão informados sobre o que se passa “lá fora”. “Todos os utentes são pessoas afáveis” e “há sempre alguém a quem nos ligamos mais, para quem somos uma segunda família”. Após o seu turno de 12 horas, Sónia regressa a casa: a família real conhece os riscos mas “compreende o que faço, é o meu trabalho”.



João Andrade

70 anos, coveiro

Natural de Cabo Verde, é talvez um dos coveiros mais antigos da cidade. “Assentei praça aqui, há 45 anos” – aqui, quer dizer, no cemitério dos Prazeres. Depois de cumprir o serviço militar no exército português, finda a guerra, veio para Lisboa. Houve menos gente nos funerais nos últimos tempos (duas ou três pessoas, apenas), por respeito às determinações das autoridades de saúde, e mesmo a figura habitual do padre era rara de aparecer. João não se limita a abrir covas – cujas medidas nunca falha, por saber feito. Também limpa, arruma, jardina e mantém os jazigos, “para que esteja sempre tudo bonito, para nós, para as famílias e para os visitantes” naquele que é considerado o mais belo cemitério de Lisboa. “Gosto do trabalho, que nunca fez mal a ninguém, e aqui vou continuar, porque parar é morrer”, sentencia. Os tempos que correm obrigam a maiores cuidados com a higienização, mas nada que o assuste, sempre pronto para o trabalho. E para que não restem dúvidas, remata com orgulho: “mesmo com esta idade, abro uma cova sozinho”.

Lisboa Confinada

por André Carrilho



AS 24 JUNTAS DE FREGUESIA DE LISBOA estão a trabalhar em pleno durante esta crise pandémica, em colaboração com a Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia e um sem número de instituições de solidariedade social.

São as juntas que melhor identificam as necessidades dos seus fregueses, a quem tratam muitas vezes pelo nome — e é a elas que estão a chegar muitos pedidos de ajuda. Desde 2012 que a Câmara de Lisboa tem investido numa gestão de vizinhança através das juntas de freguesia, delegando recursos e competências, o que foi agora reforçado neste contexto de crise.

Idosos recolhidos em casa com mobilidade reduzida e incapazes de gerir o seu quotidiano, famílias com carências alimentares, dificuldades em fazer frente a despesas de água ou de luz, são algumas das situações problemáticas a que é preciso acudir.

prar as suas refeições já confeccionadas em pequenos restaurantes e supermercados de bairro, essas listagens disponíveis nos *sítes* das juntas ou afixadas nas entradas dos edifícios são uma boa ajuda — informação essa que também se encontra centralizada numa plataforma interativa da Câmara Municipal (ver pág. 18).

“Amigos mais que prováveis”

Com nomes mais ou menos sugestivos — “Quietinho em Casa”, “Não saia de casa! Nós vamos às compras por si”, “Amigos mais que prováveis” — todas as juntas de freguesia estão a disponibilizar apoio domiciliário, desde pedidos de receitas, a entrega de compras e medicamentos. E não são só os idosos que precisam. Pais doentes que não podem deixar os filhos sozinhos em casa também já beneficiam deste

As Juntas de Freguesia andam numa roda viva. Nunca como agora foi preciso mobilizar todas as organizações de proximidade para chegar a quem mais precisa.

Juntas

TEXTO LÚCIA VINHEIRAS ALVES, SARA INÁCIO E SUSANA PINA

Muitas das respostas passam pelo Fundo de Emergência Social (ver pág. 16) e pelo trabalho em rede entre várias instituições e voluntários, nomeadamente a distribuição de refeições e de cabazes alimentares, fornecidos pelo município, juntas, doadores — incluindo hotéis e restaurantes — e Banco Alimentar. Os alunos abrangidos pela Ação Social Escolar também beneficiam de refeições quentes e produtos alimentares, num esforço articulado entre a Câmara e os seus parceiros locais.

Ainda em matéria de alimentação, algumas juntas divulgaram os estabelecimentos que continuam a trabalhar com entregas ao domicílio. Para as pessoas, sobretudo idosos, que costumavam com-

serviço. Há também juntas que asseguram pequenas reparações domésticas a pessoas que não as podem pagar (por exemplo, na Misericórdia); outras prestam pequenos serviços de limpeza, como limpar o pó, fazer a cama ou limpar o chão (programa Vasouras & Companhia da junta de Santo António), ou encaminham os casos mais complexos para os Serviços de Apoio Domiciliário dos centros paroquiais (Alvalade); outras ainda acompanham os idosos para levantar as reformas, ou pagar contas, com apoio da PSP (em Santa Maria Maior e São Vicente, por exemplo); e há quem disponibilize transporte porta a porta para deslocações a consultas, tratamentos ou situações urgentes (Misericórdia).

A par disso, muitas juntas de freguesia monitorizam com telefonemas diários as carências dos seus habitantes mais vulneráveis, amenizando a sensação de isolamento e solidão. Há ainda as que prestam apoio jurídico para esclarecimento de dúvidas relacionadas com as medidas de exceção no mercado laboral e no mercado de arrendamento (Lumiar, por exemplo); linhas de apoio psicológico e psicossocial (Benfica, Campolide, Santa Maria Maior, Beato, entre outras); ou as que ajudam no preenchimento e entrega do IRS (Santa Maria Maior e São Vicente). Na área do apoio à aprendizagem para os alunos que ficaram sem aulas presenciais, as iniciativas também surgiram, com explicações e disponibilização de materiais pedagógicos *online* ou em papel, como nos casos do Parque das Nações e de Santa Clara, que fornece um serviço de fotocópias. Já em São Domingos de Benfica, foi possível, através de do-

com mais qualidade o seu quotidiano – excursões, programas de atividade física, academias de saber, trabalhos manuais e muitas outras – encontram-se agora encerradas. Sempre que possível têm tentado transferir para as suas redes sociais, particularmente para o Facebook, algumas iniciativas. Sucedem-se aulas de ioga, de ginástica, de desenho, visitas virtuais, troca de receitas, desafios e passatempos. A Junta do Lumiar disponibiliza as suas aulas de pós-parto no Youtube, por exemplo. Há também leituras *online* e sugestões cinematográficas (Avalade). E algumas universidades seniores prosseguem com aulas pela internet. O objetivo é a preservação dos laços. Veja-se o exemplo da iniciativa “Postais da 40.ena”, um projeto BIP/ZIP, apoiado pela autarquia e dinamizado pela Junta de Freguesia do Lumiar: para manter o contacto com a população são enviados cerca

em ação

nativos, angariar computadores para alunos que não dispunham desse equipamento.

Quanto a animais de estimação, foram várias as juntas que se lembraram de oferecer as passeatas e apoiar no tratamento dos animais domésticos (Campolide, Benfica e Carnide são algumas delas).

Tem sido também com o apoio das juntas que o material de proteção e desinfeção – adquirido pela autarquia ou através de recursos das próprias juntas – tem chegado às associações que estão no terreno. Arroios, por exemplo, tem protocolos com residenciais que disponibilizam quartos a quem precisa de ficar em isolamento até à sua recuperação.

Manter os laços com a população

As atividades promovidas pelas juntas de freguesia que ajudavam milhares de seniores a viver

de 320 postais semanais manuscritos por voluntários aos idosos dos Inválidos do Comércio, e 250 para a população da Quinta do Olival. E em Campolide cantam-se os parabéns, com direito a presente (cabaz de aniversário), aos vizinhos com mais de 65 anos identificados pelo projeto Radar da Santa Casa da Misericórdia. Além disso, para exercitar a mente, os alunos da Universidade Sénior desta freguesia recebem na sua caixa de correio sebatas com jogos e exercícios, tal como acontece, por exemplo, em Santo António. Recentemente estão também a ser distribuídas por correio máscaras comunitárias

A proximidade das juntas de freguesia às populações faz delas parceiros fundamentais da câmara municipal no apoio social. ●

* Para saber mais consulte os sites das juntas ou lisboa.pt/covid-19/a-cidade/apoio-social.

Lisboa Confinada

por André Carrilho



Reportagem

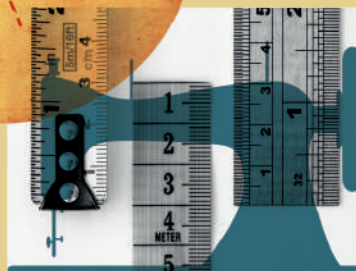
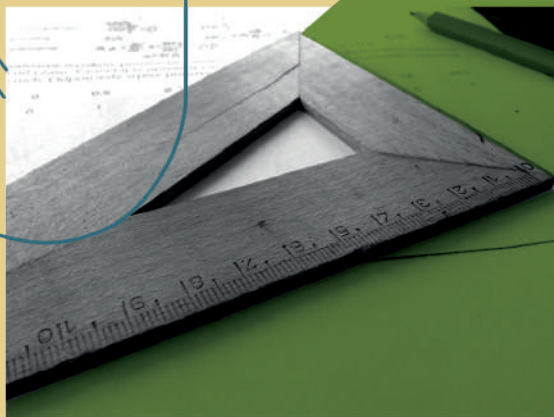
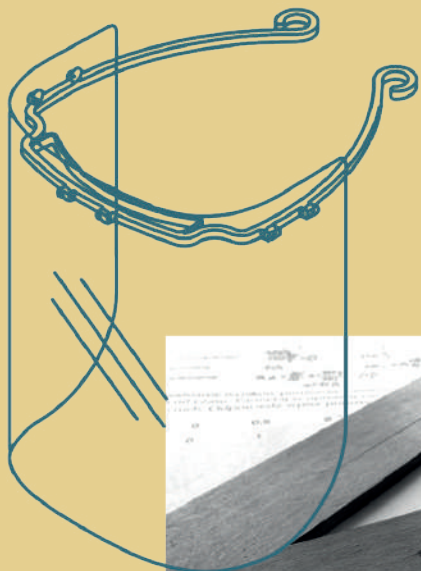
Gente

Durante esta crise
fomos surpreendidos pelo
dinamismo da sociedade civil
— pessoas, empresas, associações
encontraram formas de continuar
a trabalhar, pondo ao serviço
de todos as suas competências.

TEXTO **PAULA CEREJEIRO***

ILUSTRAÇÕES **TERESA FERNANDES**

adapta



A Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa respondeu ao pedido de ajuda de profissionais de saúde: com 12 impressoras 3D, alunos e professores começaram a fabricar viseiras a partir de acetato, elásticos e plástico oferecidos por empresas privadas e públicas.

DO PEQUENO MERCEEIRO QUE monta uma banqueta à porta da loja protegida por um acrílico, ao jovem investigador que põe a tecnologia da impressão 3D a produzir equipamentos de proteção, passando pelo professor e por tantos outros que, remetidos ao teletrabalho, tiveram de meter as mãos na massa das novas tecnologias, ganhando mais destreza informática em semanas do que em toda uma vida. E até o avô que teve de aprender a usar o *smartphone* para ver os netos. Quase todos fomos obrigados a responder a desafios. A cultura, então, teve mesmo de se reinventar, com projetos que chegam a todos e para todas as idades.

Ficam aqui alguns exemplos que ilustram um esforço digno de referência na supressão da adversidade. Lisboa agradece.

Tudo a produzir equipamento de proteção

São muitas as empresas que reconverteram a sua produção para responder à procura de equipamentos de proteção. As escolas de costura Maria Modista, por exemplo, responderam ao apelo de uma médica do Hospital Curry Cabral e converteram modelos de fatos e vestidos em moldes de máscaras, cogulas (gorros clínicos) e tapa-botas. Aos alunos das escolas, juntaram-se empresas que forneceram a matéria-prima para a confeção dos artigos.

Com o mesmo objetivo, nasceu no início de abril o projeto “Portugal Convida Todos”, para unir os esforços da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL) e dos projetos Recostura e Passasabi, estes criados no âmbito do programa municipal BIP/ZIP. Assim se montou uma autêntica cadeia de produção. Os moldes saem do atelier da FAUL para as costureiras, e os equipamentos regressam já prontos. São então etiquetados e entregues à Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, que se encarrega de os distribuir pelos hospitais. Já foram doados mais de 2000 cogulas e 1300 tapa-botas, e ainda há muitas peças em produção.

Outras organizações reorientaram a sua atividade para produzir viseiras de proteção. Foi o caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (FCT) que respondeu ao pedido de ajuda de profissionais de saúde. Com 12 impressoras 3D, alunos e professores começaram a fabricar as viseiras a partir de acetato, elásticos e plástico oferecidos por empresas privadas e públicas. Produzem dois tipos de viseiras: umas, mais complexas, usadas pelas equipas médicas das unidades de cuidados intensivos e cirurgia; as outras, mais simples, destinam-se a profissionais de saúde

de em áreas de atendimento ao público, bombeiros, trabalhadores de farmácias e cuidadores de idosos em lares. A impressão 3D serve, igualmente, para criar moldes em componentes de máscaras, óculos e peças para ventiladores.

No caso da empresa privada DHOLETEC, foi por iniciativa própria que começou a desenhar os primeiros protótipos de viseiras, quando se apercebeu da escassez de equipamento de segurança. Aperfeiçoou e testou os protótipos, e produz agora mais de 2000 viseiras por dia, com a ajuda de cinco voluntários que trabalham por turnos. “Acredito que vamos conseguir ultrapassar esta fase. Felizmente temos a sorte de estar a trabalhar e a colaborar com muitas entidades, e é essa a maior satisfação que levamos para casa.”

Serviços gratuitos para profissionais de saúde

Para tornar um pouco mais leve o quotidiano dos profissionais de saúde, que trabalham muitas horas por dia, por vezes longe de casa, várias entidades estão a oferecer-lhes gratuitamente os seus serviços. Por exemplo, quando chegam a casa ao fim de mais um turno, será um alívio não ter de pensar em lavar a roupa. A *startup* Dona Rosa já era a primeira empresa em Portugal a usar uma aplicação para agendar recolhas e entregas de roupa para lavar, passar a ferro e limpar a seco. Agora, lançou uma campanha gratuita dirigida a todos os profissionais de saúde. Os pedidos são feitos por *e-mail* ou pelo WhatsApp.

Também para quem trabalha na saúde, seis restaurantes lisboetas juntaram-se e fundaram a FoodforHeroes, uma iniciativa para entregar almoços e jantares grátis àqueles profissionais. Entretanto, já se associaram mais sete restaurantes. Ao todo, são 200 refeições diárias, entregues por parceiros e voluntários a funcionários de 19 hospitais de Lisboa. Esperam em breve regressar à atividade normal do seu ramo de negócio, mas “quem sabe se a FoodforHeroes não será para continuar?”

E quando uma médica ou um enfermeiro teve de se afastar da sua família para prevenir um possível contágio? A pensar nestes casos, a plataforma Rooms Against COVID uniu as vontades de proprietários de unidades hoteleiras e transformou o alojamento local em alojamento gratuito por tempo indeterminado para profissionais de saúde. Com o apoio da Associação de Alojamento Local de Portugal, esta plataforma põe os profissionais de saúde em contacto com os proprietários. Presentemente, são 250 casas disponíveis em Lisboa, num total de 3700 noites, numa média de

ERA
UMA
VEZ...



Na Casa Fernando Pessoa, "Leituras ao Ouvido" partilha poemas do autor. E esta partilha também abrange pessoas afastadas das redes sociais. Basta um telefonema de volta responde em forma de poema ou conto.

20 dias de duração. E nesta entreajuda contam com mais de 50 voluntários.

Cultura ao domicílio

Ficar em casa pode não ser fácil, e muita gente sente falta de ir a um espetáculo de dança ou teatro. Daí que sejam agora alguns espetáculos a vir ter connosco.

Quando foram canceladas as gravações que estavam previstas, o projeto "A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria" adotou a ideia de "convidar as pessoas para se gravarem em casa e enviarem". Nesta plataforma *online*, todos podem participar, profissionais ou não. Depois de alguns contactos, a

adesão do público disparou, e têm chegado gravações de variadíssimas formas e géneros musicais: das bandas familiares aos cantores de janela, dos utentes de lares às crianças, e também de músicos profissionais. Quando recebe os vídeos, a plataforma faz uns pequenos retoques para melhorar a qualidade e publica-os. É "A Música Portuguesa a Gravar-se a Ela Própria".

Quanto ao teatro, uma das primeiras companhias a disponibilizar *online* os registos de espetáculos em arquivo foi o Teatro Aberto. Estreou com a peça *A Mentira*, de Florian Zeller. E foi tal a adesão do público que a companhia teve de aumentar a capacidade do *site* e alargar o horário, enquanto espera por

poder voltar aos ensaios de *Só Eu Escapei*, de Caryl Churchill, “um texto estranhamente profético”.

Na dança, a Companhia Nacional de Bailado pôs de imediato em prática um plano para combater o isolamento. Todas as semanas põe peças *online*, bem como vídeos dos bailarinos a partir de casa. As peças disponíveis estão agrupadas por secções: Os Nossos Bailarinos, Outras Danças, Miúdos e Graúdos e Mais Danças. A adesão tem sido grande, e as mensagens de agradecimento são muitas. Mas fica o aviso: “A dança, como outras artes do espetáculo, precisa da experiência do palco e da partilha com um público fisicamente presente; é aí que queremos voltar assim que possível.”

E os livros? As bibliotecas estão fechadas, mas o projeto “Uma história por dia não sabe o bem que lhe fazia” leva as histórias a casa das pessoas, através das redes sociais das Bibliotecas Municipais de Lisboa (BLX). Doze mediadores selecionam e leem as histórias a partir de casa, depois de serem revistas e editadas por um técnico da biblioteca de Marvila. *El secreto*, de Erik Batut, foi a primeira história do projeto. Os subscritores triplicaram e o Facebook atingiu 1500 fãs. Além disso, o *podcast Cápsulas de Leitura* sugere livros de vários géneros e para vários públicos.

Com a tiragem suspensa, a Agenda Cultural aproveitou para acelerar a comunicação *online* de ideias já em projeto. Assim, lançou um *podcast* com a apresentação de “Um Livro por Dia” escolhido entre as novidades que as editoras enviam para a redação. Depois de o editor gravar os episódios, o sonoplasta, que também é músico, acrescenta músicas originais e outras animações. O projeto é para manter, e mesmo diversificar formatos e conteúdos.

Também os equipamentos culturais sob gestão da EGEAC adaptaram os *sites* e redes sociais a uma nova realidade. Na Casa Fernando Pessoa, “Leituras ao Ouvido” partilha poemas do autor. E esta partilha também abrange pessoas afastadas das redes sociais. Basta um telefonema a pedir: pouco depois, um telefonema de volta responde em forma de poema ou conto. Já no Museu do Aljube, o público, através do Facebook, narra as suas memórias do 25 de Abril. E o site do Museu do Fado disponibiliza concertos, filmes e documentários do seu espólio. Um desses documentários, “Fique em casa de Fados”, é sobre dez casas de fado emblemáticas de Lisboa que tiveram de fechar por causa da pandemia. No Museu de Lisboa e nos seus espaços museológicos, a programação assenta em visitas guiadas virtuais, na história de



Mesmo com a reabertura dos ginásios, prevê-se que os treinos acompanhados à distância sejam uma tendência para ficar.

peças de museus e em jogos associados à sua história. As Galerias Municipais e o Atelier - Museu Júlio Pomar partilham com o público vídeos de exposições de arte contemporânea e conteúdos de arquivo.

Mexer-se em casa

Os ginásios também se transferiram para as redes sociais. Surgiu mesmo o Ginásio Online que, como o nome indica funciona apenas em ambiente virtual. Os ginásios tradicionais, como o Solinca ou o Holmes Place, entre outros, passaram a disponibilizar aulas no Facebook e noutras plataformas. O *personal trainer* e professor de natação Nuno Couto é um dos muitos profissionais que têm posto os alunos a mexer a partir de casa. Dá aulas duas vezes por dia através do WhatsApp, Skype ou Zoom. Em média, os treinos têm a duração de 45 minutos e são os seus seguidores que permitem dar continuidade à sua profissão. Também os exercícios de pilates de Filipa Mayer têm sido um sucesso no Youtube. Mesmo com a reabertura dos ginásios, prevê-se que os treinos acompanhados à distância sejam uma tendência para ficar.

Animais de companhia

De um modo geral, os animais de companhia andam mais contentes, com a presença dos donos, mas quando a dona ou o dono pertencem a um grupo de risco ou estão infetados com a Covid-19, os cães não têm quem os leve à rua. Além disso, se os próprios animais tiverem algum problema de saúde, levá-los a uma consulta veterinária pode ser mais complicado.

Por isso, um grupo de alunos da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa organizou-se para, voluntariamente, passear os cães de donos que não podem sair à rua. Como nem sempre é fácil chegar ao público-alvo, os estudantes têm divulgado intensamente a plataforma “Vizinho e Cãopanhia” em *sites* de várias universidades, e cada voluntário afixa cartazes na sua zona de residência.

No mesmo sentido, a Animalar.pt cuida gratuitamente dos animais de quem precisa, como profissionais de saúde ou pessoas doentes. Tem também um *live chat* com respostas de veterinários a dúvidas das pessoas. “O principal objetivo da nossa plataforma é combater o abandono dos animais que ocorre todos os anos e que está a ser exponenciado pela época que vivemos, seja por desinformação ou por motivos económicos.”

* Com a colaboração de Raquel Antunes

FILIPPE FROES

L I Ç Õ E S D A
P A N D E M I A : “É
N E C E S S Á R I O U M
M A I O R R E S P E I T O
P E L A N A T U R E Z A”

Entrevista

LISBOA *Pode explicar o que é um vírus e o que o “motiva” a introduzir-se nas nossas células?*

FILIPE FROES O vírus é provavelmente o ser vivo mais pequeno. Tão pequeno que não se consegue multiplicar por si e necessita de invadir ou de se “introduzir” nas nossas células para se replicar, ou seja, fazer milhões de fotocópias dele próprio. Este é o único designio da vida de um vírus. Vírus há muitos, o coronavírus é só um e pertence a uma família específica de vírus. Além dos coronavírus, nós estamos muito habituados a outros vírus, tais como, o vírus influenza que provoca a gripe, o adenovírus, o rinovírus, o vírus sincicial respiratório, etc.

LISBOA *Como é que o vírus da Covid-19 atua no organismo?*

FILIPE FROES Os vírus ligam-se a um recetor de uma célula para entrar, usam a estrutura celular para se replicarem e fazerem milhares de cópias e depois saem da célula para invadirem células vizinhas. As células invadidas ficam destruídas e é a lesão das células e dos tecidos dos órgãos humanos, acompanhada da resposta inflamatória do organismo à presença do vírus, que provoca a doença.

LISBOA *O quadro de sintomas de cada pessoa tem a ver com o sítio onde se aloja o vírus? E qual é a razão para uma tão grande discrepância na gravidade dos sintomas?*

FILIPE FROES Os sinais e sintomas dependem da lesão celular nos locais e órgãos envolvidos. Como esta invasão é acompanhada de uma reação inflamatória de defesa do organismo há também manifestações gerais, tais como febre. Os órgãos envolvidos explicam as diferenças na gravidade da doença, mas há sempre um componente de resposta individual dependente da nossa especificidade genética.

Como se trata de um vírus novo para a humanidade,

todos estamos suscetíveis, desde os mais jovens aos mais idosos. O maior número de casos em determinados grupos etários pode ter a ver com comportamentos que favoreçam a transmissão, maior exposição ou maior risco de desenvolver a doença, tais como, comorbilidades descompensadas [outras doenças graves associadas].

LISBOA *Ouve-se falar de uma vacina entre um ano e um ano e meio para o SARS-CoV-2. Porque é que não se desenvolveu uma vacina para o coronavírus SARS-CoV, identificado em 2002 na China, ou para o coronavírus MERS-CoV, que apareceu na Arábia Saudita em 2012?*

FILIPE FROES Porque o surto de SARS-CoV em 2002 foi considerado extinto em 2004, o que levou à suspensão da investigação para o desenvolvimento de uma vacina. Em relação ao MERS-CoV, e que ainda não foi considerado extinto, foram identificados poucos casos, cerca de 2500, pelo que não se justificou o desenvolvimento de uma vacina.

LISBOA *Então o que é necessário acontecer para um vírus se extinguir? Podemos ter esperança que este também se extinga “naturalmente” como o seu antecessor?*

FILIPE FROES Para um vírus se extinguir é necessário que não consiga encontrar um número suficiente de pessoas suscetíveis que possa infetar para garantir a sua replicação e sobrevivência. Em teoria, as pessoas que já foram infetadas estão protegidas e, desejavelmente, quando houver uma vacina, o mesmo acontecerá com as pessoas vacinadas. Só com uma destas duas condições é previsível que o vírus se extinga.

LISBOA *Além da transmissão através de tosse, espirros e gotículas em situação face a face, poderá o vírus ficar em suspensão no ar durante um período de tempo significativo pela simples expiração? E nas superfícies?*

ENTREVISTA POR SUSANA PINA

FOTOS DE ANA SOFIA SERRA

FILIFE FROES O vírus pode permanecer suspenso no ar em pequenas partículas, sobretudo após a realização de procedimentos médicos invasivos nas vias aéreas, tais como uma broncofibroscopia ou entubação. E também permanecer viável durante alguns dias em várias superfícies em condições ótimas de temperatura e humidade relativa. É a “vida” dele!

LISBOA *No momento atual, quais são os medicamentos, profiláticos ou de tratamento, que aparentam ter maior potencial e que estão numa fase mais avançada de testes?*

FILIFE FROES Fala-se em muitos medicamentos, alguns utilizados em diferentes fases da doença, mas não há ainda nenhum estudo clínico que demonstre inequivocamente a sua eficácia. Vamos ter de esperar mais tempo.

LISBOA *Depois de curado, o doente de Covid-19 pode ficar com lesões?*

FILIFE FROES Previsivelmente os doentes com formas mais graves de doença poderão ficar com lesões, nomeadamente a nível pulmonar. Só no mínimo passados 6 a 12 meses depois da infeção poderemos avaliar eventuais lesões.

LISBOA *Findo o tempo de quarentena, alguns testes aos doentes com Covid-19 têm dado resultados opostos num dia e no outro, por exemplo negativo-positivo, negativo-inconclusivo. Como explicar estes resultados?*

FILIFE FROES Esta variedade de resultados pode ser explicada pela técnica de realização dos testes, sensibilidade dos testes e fase da doença.

LISBOA *Teremos de aprender a viver com esta nova ameaça à saúde humana? Em que circunstâncias este vírus pode perder agressividade?*



FILIFE FROES
é pneumologista e intensivista, consultor da Direção-Geral da Saúde e coordenador do gabinete de crise da Ordem dos Médicos para a COVID-19. As suas intervenções públicas têm ajudado a perceber melhor a doença e o que podemos esperar deste convívio forçado com um vírus até agora desconhecido.

FILIFE FROES Este vírus deixará de ser uma ameaça quando quase todos nós tivermos imunidade. Seja provocada pela doença ou pela desejada vacina.

LISBOA *Até onde vai a memória dos gestos nestas situações epidémicas e traumáticas? Quando voltaremos a abraçar a nossa família e amigos sem que nos soe um sinal de alerta?*

FILIFE FROES Se todos cumprirmos a nossa parte das medidas preventivas, será sempre mais breve... Depois da pandemia pelo coronavírus haverá mudanças, mas felizmente não na forma como nos cumprimentamos e expressamos os nossos afetos.

LISBOA *Quais são as medidas e os comportamentos que considera essenciais adotar até ao aparecimento de uma vacina ou de um medicamento eficaz?*

FILIFE FROES Até ao desenvolvimento de uma vacina ou medicamento eficaz, vamos todos ter de ser parte da solução ao manter as medidas de segurança que nos protegem e que protegem os outros. Ou seja, a segurança de cada um depende de todos! E as medidas de segurança são amplamente conhecidas: a etiqueta respiratória [tossir ou espirrar para um lenço descartável ou usar o antebraço, nunca as mãos], a higienização das mãos, não partilhar objetos pessoais, manter o distanciamento social de segurança e a utilização de máscara nos espaços públicos onde a distância de segurança seja difícil de manter.

LISBOA *Uma relação mais respeitosa com a floresta e o mundo selvagem, e a proibição de comércio e consumo de animais selvagens, poderá conter o aparecimento de novos vírus e bactérias nocivos à espécie humana?*

FILIFE FROES Uma das principais conclusões desta pandemia é a necessidade de um maior respeito pelos outros animais, natureza e clima. Todos partilhámos uma casa comum. 🌱



Liberdade na Avenida

UM 25 DE ABRIL DIFERENTE

Em vez do tradicional desfile que há 46 anos se realiza na avenida da Liberdade, este ano o DJ e produtor Branko e o cantor Dino D'Santiago atuaram sozinhos numa avenida completamente vazia. O encontro de trinta minutos foi transmitido em *livestream* no canal Youtube e nas várias plataformas da autarquia, parceira da iniciativa. O concerto terminou às 15 horas, altura em que muitos Lisboetas se juntaram nas varandas e janelas dos seus prédios para cantar a Grândola Vila Morena. **FOTO DE ARMINDO RIBEIRO**



LISBOA NA OUTRA PANDEMIA

—
TEXTO DE
MARIA JOSÉ
OLIVEIRA



Foi a pandemia
mais mortífera da
história da humanidade.
Em 1918, a gripe
pneumónica não
poupou um único
lugar no mundo,
surgindo em vagas
até aos anos 20.

EM OUTUBRO DE 1918 chegara finalmente a noite em que o Teatro São Luiz abria as portas para a estreia de uma zarzuela. A interpretação cabia a uma companhia espanhola, o que augurava casa cheia. E nem mesmo a famosa comédia “Marido à força”, em cena no Teatro Ginásio, poderia rivalizar com a grande sensação artística vinda de Espanha. Contudo, a zarzuela não recebeu as habituais enchentes. Lisboa estava recolhida em casa, procurando proteger-se de uma doença letal que assolava o país desde junho e que oscilava entre vagas fatais e períodos de acalmia.

Enquanto brilhavam as luzes da sala do São Luiz, para uma plateia de meia dúzia de pessoas, em algumas ruas da cidade silenciosos grupos de homens transportavam cadáveres em ataúdes de pau e corda, num desfile de procissões fúnebres que duravam toda a noite. Caminhavam em direção aos cemitérios, onde, muitas vezes, depositavam os corpos sobre pedras tumulares, deixando-os ali durante dias, até que fosse encontrado um lugar para os enterramentos; no cemitério dos Prazeres, abriu-se uma vala comum para inumar os pobres e os indigentes.

Lojas fechadas e preços exorbitantes

Mas era à luz do dia que a cidade ficava irreconhecível. E tornava-se igual a tantas outras cidades, vilas,



Na Junqueira, populares aguardam a abertura do armazém regulador de preços a cargo da Assistência 5 de Dezembro, que fornecia alimentos.

Joshua Benoliel, 1918, Arquivo Municipal de Lisboa

aldeias e os mais remotos lugares do mundo, que, em 1918, em plena Guerra Mundial, foram tomados por uma estirpe severa do vírus da gripe – a gripe pneumónica, também designada “gripe espanhola” (designação originária do facto de Espanha ter sido neutral na guerra e, não estando sujeita à censura, ter noticiado a progressão da pandemia no mundo, o que foi alvo de grande interesse por parte da imprensa internacional, que escamoteava os índices de mortalidade dos seus países).

Nas ruas de Lisboa a azáfama era apenas visível nos trabalhadores de limpeza da câmara, que lavavam valetas e passeios com sulfato de ferro e clorato de sal; alguns eléctricos arrastavam-se dolentemente, com as cortinas corridas; a maioria das lojas estava fechada, outras afixavam letreiros nas portas informando que todos os empregados estavam doentes; nas mercearias escasseava o leite, o pão, a carne, e os preços subiam para valores exorbitantes; a Obra de Assistência 5 de Dezembro, criada em abril pelo Governo de Sidónio Pais, não tinha mãos a medir na distribuição de alimentos, fármacos e até dinheiro; faltavam tábuas para os caixões, flores para as sepulturas, e num só dia fizeram-se 250 enterros na cidade; diariamente chegavam dezenas de crianças ao orfanato da Cruz Vermelha e ao Albergue das Crianças Abandonadas; nas cadeias do Aljube, Limoeiro e Mónicas a pneumónica fez centenas de vítimas; as escolas e as igrejas cerraram portas e os mercados foram proibidos – a pneumónica virara a cidade do avesso.

Convento e liceu convertidos em hospitais

Viviam então pouco mais de 800 mil pessoas na cidade. Os únicos lugares onde se via movimento era nos hospitais, onde tinham sido proibidas as visitas aos enfermos. Ali acorriam milhares de doentes e quando faltaram camas, Ricardo Jorge, diretor-geral da Saúde Pública, conseguiu que o Governo requisitasse novos lugares de acolhimento: o Convento das Trinas e o Liceu Camões. Uns meses antes, em julho, aquando do primeiro surto da pneumónica, trazida para Portugal por trabalhadores rurais emigrados em Espanha, já tinham sido criadas zonas de isolamento nos hospitais de Santa Marta, Estefânia, São José e Rego, e foi ainda reaberto o de Arroios.

A velocidade de propagação do vírus era extraordinária e o contágio acontecia pelo contacto com um infetado – bastava espirrar, tossir ou apertar a mão. A resposta à infeção dependia da resistência orgânica de cada um e também da sorte.

Quando a terceira vaga atingiu Lisboa, em ou-



Albergue das Crianças Abandonadas, na rua de Campo de Ourique. O número de órfãos na capital não parava de aumentar.

Joshua Benoliel, década de 1910, Arquivo Municipal de Lisboa

tubro, o vírus já tinha varrido todo o país e ilhas, com surtos em junho/julho e em agosto, este último especialmente mortal no Minho, Trás-os-Montes, Douro, Beira Alta e Alto Alentejo. (Houve ainda uma nova vaga, em 1919, mas com menos virulência e mortalidade.) Da frente da guerra, Ricardo Jorge recebia notícias de que aumentara o número de casos entre os soldados portugueses, embora o Corpo Expedicionário Português tenha reportado apenas 37 mortos.

Em 1918 não era possível fazer uma contagem de infetados e de mortos. Somente nos anos 90, João Frada, que estudou a pneumónica em Portugal, concluiu que entre junho e novembro terão morrido quase 60.500 pessoas, na sua maioria jovens adultos.

No mundo, a doença cuja origem divide ainda hoje os especialistas provocou milhões de mortes (a mais baixa estimativa é de 21 milhões; a mais alta de quase 100 milhões), superando o número de mortos da “peste negra” e matando em cerca de um ano mais pessoas do que a I Guerra Mundial (8 milhões de mortos). ●

Maria José Oliveira é jornalista e investigadora do Instituto de História Contemporânea.

CENTENÁRIAS & PROTEGIDAS

FOTOS DE
NUNO CORREIA

Já cá estavam antes e permanecerão depois. São as árvores classificadas de Lisboa. Testemunhas mudas do curso da história, foram protegidas pelo Homem. São consideradas pela sua raridade, porte, idade, significado cultural ou enquadramento paisagístico, e devemos preservá-las. Isoladas ou integradas em bosquetes, jardins e alamedas, ultrapassam as oito dezenas e localizam-se um

pouco por toda a cidade. Vale a pena conhecê-las, e, quando pudermos, visitá-las — para nos lembrarmos, neste ano em que Lisboa é Capital Verde Europeia, que partilhamos com outros seres vivos uma casa comum. 🌿

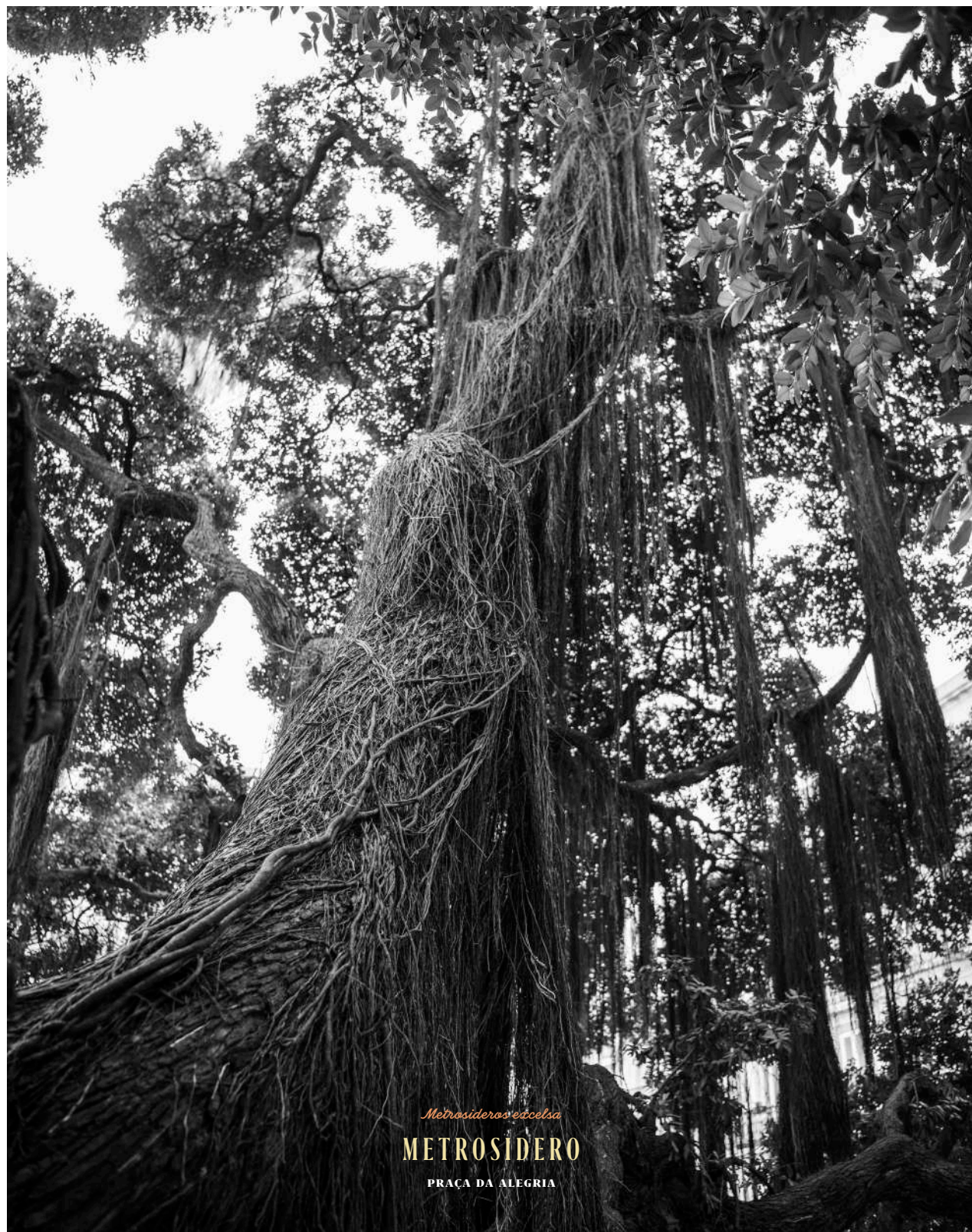
Para saber mais: *Árvores na Cidade. Roteiro das Árvores Classificadas de Lisboa*, de Graça Amaral Neto Saraiva e Ana Ferreira de Almeida, ed. By the Book; e *Guia Ilustrado de Vinte e Cinco Árvores de Lisboa*, ed. CML.



Dracaena draco

DRAGOEIRO

QUINTA DO CONDE DOS ARCOS, OLIVAIS

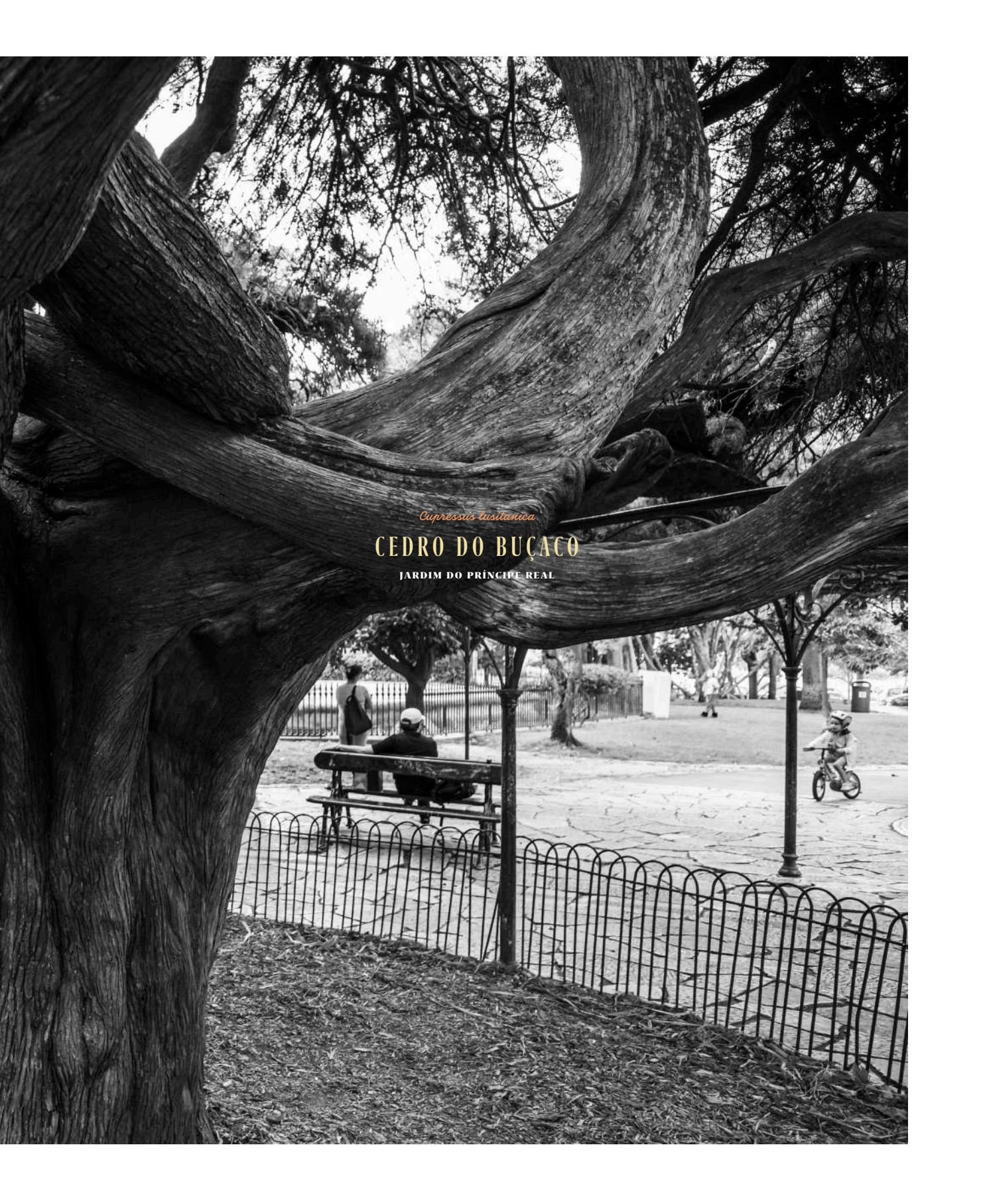


Metrosideros excelsa

METROSIDERO

PRACA DA ALEGRIA

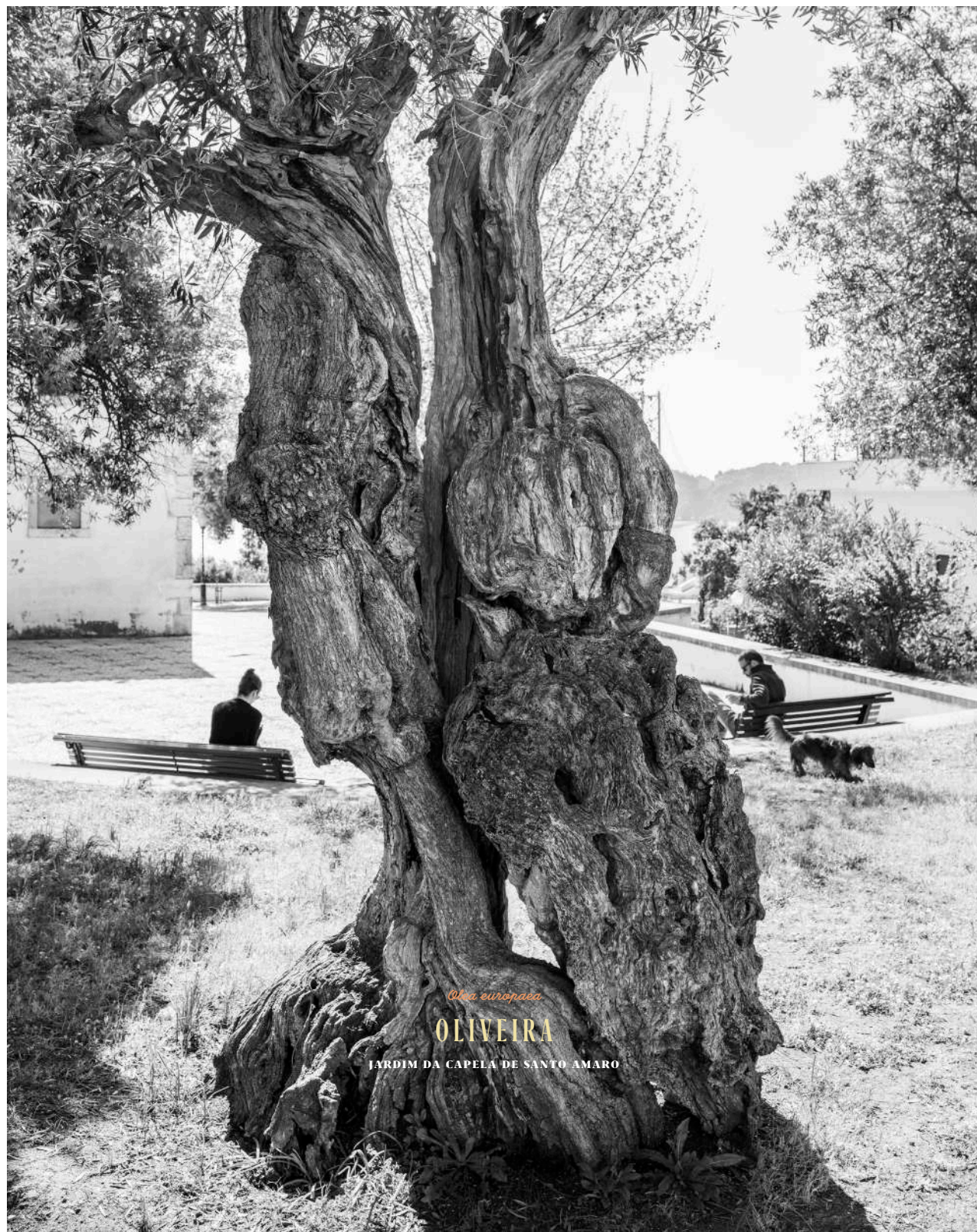




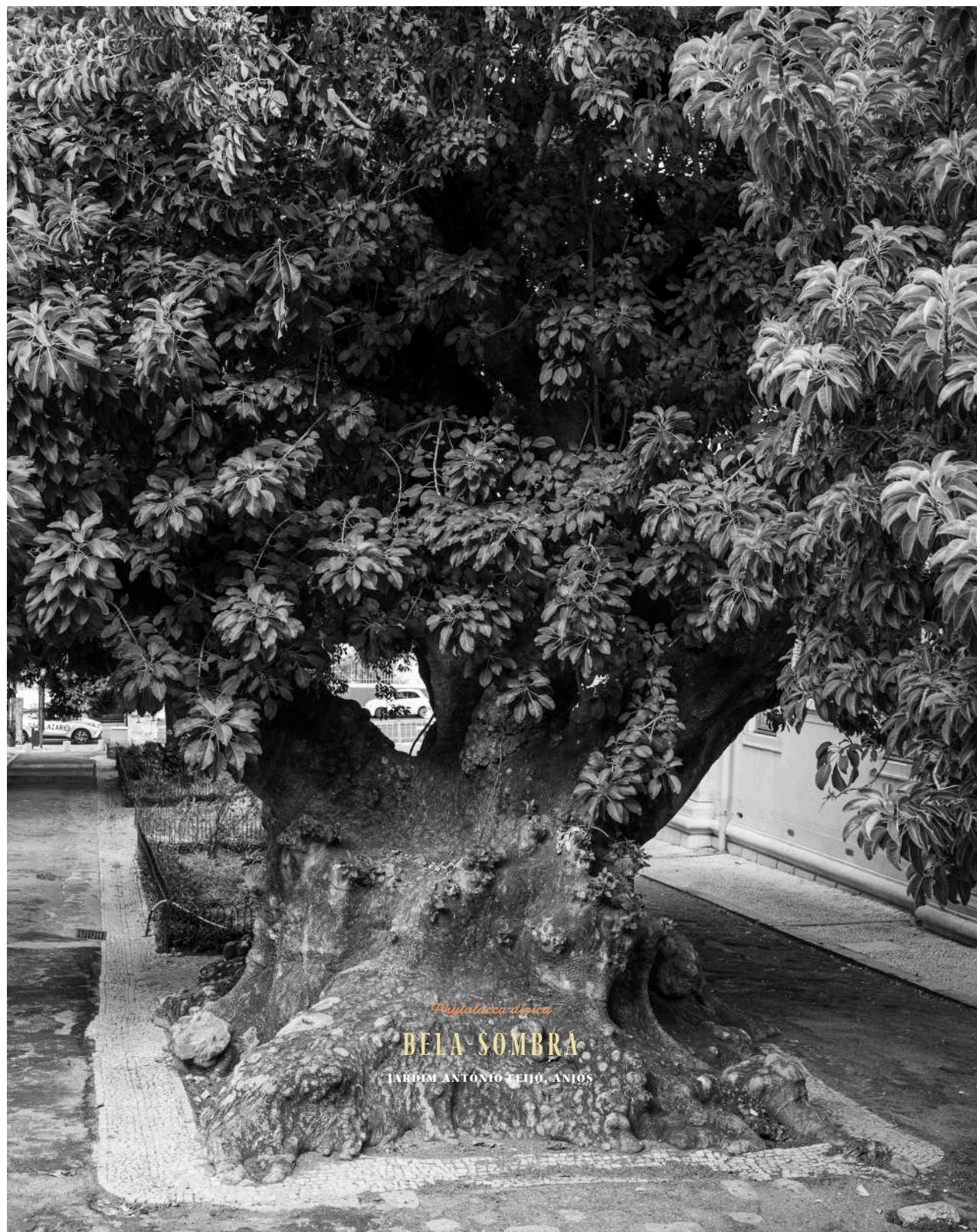
Cupressus lusitanica

CEDRO DO BUÇACO

JARDIM DO PRÍNCIPE REAL



Olea europaea
OLIVEIRA
JARDIM DA CAPELA DE SANTO AMARO





Tipuana tipu

TIPUANA

JARDIM ROQUE GAMEIRO, CAIS DO SODRÉ

***Dracaena draco*, Dragoeiro, Quinta do Conde dos Arcos** Tem cerca de 200 anos, este dragoeiro, e foi classificado em 1997. O dragoeiro é originário da floresta Laurissilva, existente nos arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde. A seiva desta árvore era utilizada em farmacologia e tinturaria, pelo menos até ao século XVIII. Quando exposta ao ar, a seiva oxida e assume a cor de vermelho-vivo, sangue-de-dragão, daí o nome comum de dragoeiro.

***Metrosideros excelsa*, Metrosidero, Praça da Alegria** Esta espécie foi descoberta pelo capitão James Cook numa das suas expedições às ilhas do Pacífico. A madeira é tão dura que lhe valeu o nome de “árvore de ferro”, justificando o nome grego, *metra*, que significa medula e *sideros*, que significa ferro. Na Praça da Alegria existem dois exemplares classificados desde 1947, com cerca de 130 anos.

***Cupressus lusitanica*, Cedro do Buçaco, Jardim do Príncipe Real** É a primeira árvore a ter sido classificada em Lisboa, em 1940, e uma das cinco árvores classificadas que ali vivem. Com 145 anos, os seus inúmeros ramos entrelaçam-se nos ferros do caramanchão que sustentam os cerca de 30 metros de copa (diâmetro). Este cipreste deve a sua designação a um engano. O botânico Miller, ao descobrir estas espécies no Buçaco pensou

tratar-se de uma árvore originária do nosso país. Mas é afinal originária das cadeias montanhosas do México, Honduras e Guatemala.

***Olea europaea*, Oliveira, Jardim da Capela de Santo Amaro** Estas quatro oliveiras devem ser das árvores mais antigas da cidade. Têm, aproximadamente 450 anos. Não se sabe como terão vindo parar a este local, provavelmente foram transplantadas de outras paisagens rurais. A oliveira que pode viver milhares de anos. Este conjunto foi classificado em 2008.

***Phytolacca dioica*, Bela-sombra, Jardim António Feijó, Anjos** Apesar de se “parecer” com uma árvore, a Bela-sombra, em bom rigor, é uma planta herbácea de grandes dimensões, com espessos caules. Tem origem nas pampas da América do Sul. Este exemplar tem cerca de 100 anos e foi classificado em 1947.

***Tipuana tipu*, Tipuana, Jardim Roque Gameiro**, Tem 105 anos e 18 metros de altura. O nome da espécie tem origem no rio Tipuani, na Bolívia, de onde é originária. Também existe no Brasil e na Argentina. Foi classificada em 2001. As suas pequenas flores amarelo-dourado agrupam-se em cacho formando largas copas exuberantes.

LISBOA, CAPITAL VERDE

NO MEIO DESTA CRISE de saúde pública não nos esquecemos que Lisboa é, este ano, Capital Verde Europeia. Nem nos podíamos esquecer. Quando começámos a ouvir o canto dos pássaros que o trânsito não nos deixa ouvir, quando os níveis de poluição atmosférica desceram vertiginosamente, quando à janela ouvíamos um “estranho” mas agradável silêncio, lembrámo-nos que as cidades não podem voltar a ser o que eram.

A poluição e os acidentes rodoviários não costumam fazer manchetes diárias nos jornais, mas a verdade é que são diretamente responsáveis por milhares de mortes prematuras. Lisboa tem



em curso um plano de contenção do trânsito no centro da cidade. Agora, mais do que nunca, é necessário que os peões circulem em segurança, que haja espaço para as pessoas poderem manter as necessárias distâncias, que os ciclistas sejam apoiados, já que a bicicleta é um transporte que não nos confina num espaço...

De Milão, Bruxelas, Berlim, e outras cidades, chegam-nos notícias de mudanças. As cidades vão “fechar-se” cada vez mais ao trânsito e abrir-se aos peões, aos ciclistas, ao transporte coletivo não poluente. E Lisboa está nesse movimento.

Das dezenas de iniciativas programadas para o ano em que Lisboa assume o galardão de Capital Verde Europeia — de exposições a grandes encontros científicos internacionais — a maior parte teve de ser cancelada ou adiada. Em breve, contamos relançar muitas delas, na certeza de que o propósito essencial, tornar a nossa cidade ambientalmente sustentável, não se perdeu, e até saiu mais reforçado desta crise. 🌱

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Lisboa
Departamento de Marca e Comunicação

DIRETORA
Filomena Costa

DIRETOR-ADJUNTO
Luís Miguel Carneiro

DIRETOR CRIATIVO
Vasco Ferreira

EDITORA
Susana Pina

REDAÇÃO
José Manuel Marques, Lúcia Vinheiras Alves,
Paula Cerejeiro, Rui Baptista, Sara Inácio.

DESIGN, ILUSTRAÇÃO E PAGINAÇÃO
Filipa Palet, João Ferreira, José Carrapatoso,
Maria João Pardal, Sandra Lucas,
Sónia Henriques, Teresa Fernandes
Colaboraram neste número: André Carrilho e André Kano

Lisboa

FOTOGRAFIA
Nuno Correia (editor), Ana Luisa Alvim, Ana Sofia Serra,
Américo Simas, Armindo Ribeiro, Carlos Santos,
Francisco Levita, Manuel Levita, Luís Filipe Catarino

RELAÇÕES EXTERNAS E PRODUÇÃO
Paula Cerejeiro, Raquel Antunes

ARQUIVO DMC
Ana Cosme

VERSÃO BRAILLE
Gabinete de Referência Cultural — Imprensa Municipal
ESTATUTO EDITORIAL
<http://www.cm-lisboa.pt/publicações-digitais/ultimas>

IMPRESSÃO
Multiponto

TIRAGEM
300.000 exemplares
DEPÓSITO LEGAL
341672 / 12
ISSN
2182-5556

INSCRIÇÃO NA ERC
Anotada
PERIODICIDADE
Trimestral
DISTRIBUIÇÃO
Gratuita

CONTACTOS
revistalisboa@cm-lisboa.pt
Telefone: 218 172 500
Rua Nova do Almada, 53, 1.º, 1200-288 Lisboa.





Marcas d'Água

Durante quase dois meses fechados em casa, adquiri um ritual diário secreto. À noite ficava uns instantes a olhar pela janela, antes de baixar os estores. A cidade parecia quase igual ao que sempre fora, mas era o “quase” que me intrigava. Os prédios, passeios e estradas estavam no mesmo sítio. As luzes continuavam acesas de ambos os lados do rio, ou desenhando pontes longínquas que não se podiam atravessar. Lisboa estava em pausa, com ruas iluminadas que não se percorriam, mas que eram mantidas na expectativa. A noite estendia um manto

abafado de silêncio, em coma induzido, até passar uma tempestade invisível.

Afinal, talvez a cidade seja mais do que um conjunto de construções, ruas e pessoas. É um espaço de possibilidades, de vivências e percursos, cuja realidade depende do ritmo que lhe imprimimos com os nossos passos.

Em compasso de espera entre batidas, a cidade todavia continuava, teimosamente à espera de um amanhã em que a pudéssemos viver como dantes, com a certeza de que a alvorada iria, sempre, chegar. ☪

TEXTO E ILUSTRAÇÃO
ANDRÉ CARRILHO

Lisboa

“Atrás dos tempos vêm tempos e outros tempos hão-de vir.”

FAUSTO, 'ATRÁS DOS TEMPOS', 1977



INFOMAIL